



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA JOCIMARA BEZERRA DE OLIVEIRA

**A EPOPEIA COMO GÊNERO ÉPICO: UMA INTERVENÇÃO PARA
PROFESSORES DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

CAJAZEIRAS - PB

2018

MARIA JOCIMARA BEZERRA DE OLIVEIRA

**A EPOPEIA COMO GÊNERO ÉPICO: UMA INTERVENÇÃO PARA
PROFESSORES DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras como requisito de avaliação para
obtenção do título de licenciado em Letras.**

**Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da
Silva**

CAJAZEIRAS - PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras – Paraíba

O482e Oliveira, Maria Jocimara Bezerra de.
A epopeia como gênero épico: uma intervenção para professores do 1º ano do ensino médio / Maria Jocimara Bezerra de Oliveira. - Cajazeiras, 2018.
60f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2018.

1. Estudos literários. 2. Gênero literário. 3. Literatura. 4. Livro didático. 5. Epopeia. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

MARIA JOCIMARA BEZERRA DE OLIVEIRA

A EPOPEIA COMO GÊNERO ÉPICO: UMA INTERVENÇÃO PARA
PROFESSORES DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

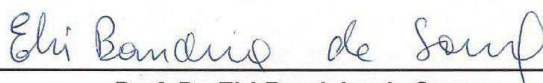
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Letras/Língua Portuguesa, do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande – *Campus* de Cajazeiras como
requisito de avaliação para obtenção
do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 14/12/2018

Banca Examinadora:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

A Deus, autor da vida;

À minha família;

Ao meu amado Aurismar Sousa;

Aos meus avós maternos: Antônia Laurinda e João Bezerra (In Memoriam);

Aos meus avós paternos: Maria Raquel e João Luca (In Memoriam).

PARA SEMPRE, DEDICO!

AGRADECIMENTOS

A Deus, não só pelo dom da vida, mas também por sempre estar comigo em todos os momentos e por ter me dado saúde e força para superar os obstáculos diários.

Aos meus pais: José e Maria, meus irmãos: Antônio, Francisco e José Gil, bem como também minhas irmãs: Jocicleide, Jociene, Antônia, Teresinha, Josilene e Jocivânia, pela compreensão, amor, carinho, apoio emocional e incentivo.

A meu namorado Aurismar Sousa, pelo amor, carinho e companheirismo ao longo desses anos, sempre, pela solidariedade inefável, por total apoio, e nos dias mais difíceis que passei por me ajudar e ser a minha calma, meu anjo.

Aos meus sogros Ariosvaldo e Teresinha por todo carinho, amor, apoio e incentivo.

À minha amiga e irmã Danilly Sousa, pela parceria de vida desde a primeira série, amizade verdadeira dentro e fora do campus da UFCG.

Ao meu estimado orientador professor Esp. Abdoral Inácio da Silva pela paciência, palavras de ânimo e incentivo, confiança, competência e por acreditar na minha capacidade.

Aos professores da Unidade Acadêmica de Letras, pela dedicação e responsabilidade com que conduzem as aulas para formação acadêmica e profissional de seus alunos. Em especial a professora Erlane Aguiar Feitosa de Freitas pela disponibilidade, carinho, apoio e os conhecimentos adquiridos.

Aos professores que aceitaram participar da Banca Examinadora: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa, Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira e o Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa.

Ao pessoal da xerox, pelo carinho de sempre e por sempre estarem dispostas a nos atender.

Aos amigos que a universidade me deu: Mariana Freitas, Natália Santos, Raquel Araújo, Karla Kessya, Edinete Alves, Andreza Nascimento, Vanessa Nunes, Leandro França, Eliziane Alves, por todo carinho e amizade.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha vivência acadêmica, contribuindo assim para o meu crescimento tanto social quanto intelectual.

***“Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar engenho e arte”
Os Lusíadas (prólogo)***

RESUMO

A Literatura é considerada entre muitas concepções, um instrumento de comunicação e de interação social, já que a mesma transmite os conhecimentos e a cultura de um povo. A epopeia, por sua vez, é um gênero épico, uma das manifestações mais antigas da Literatura, que se refere aos feitos históricos de um povo, uma nação, com a presença de seres mitológicos. Enquanto que o livro didático além de ser uma ferramenta muito importante para a formação do discente é um instrumento de crescimento para o mesmo, uma vez que auxilia e contribui muito na prática pedagógica diária do docente, além de ser suporte teórico e prático para o aluno na escola e fora dela. Ao refletir sobre o papel que o livro didático tem em sala de aula, este trabalho tem como objetivo analisar a ausência parcial do mesmo, em relação a sua contextualização histórica do gênero épico no livro *Viva Português* do primeiro ano do ensino médio, bem como descrever o surgimento do gênero épico na Grécia Antiga e Roma e avaliar como o Classicismo retoma o modelo greco-romano do gênero épico. Para tanto, propomos uma intervenção didática para os professores de Língua Portuguesa que atuam nesse ano. Fundamentamo-nos a partir das reflexões de Aristóteles (2008), Calvino (1993), Jaeger (2001), entre outros teóricos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa em que buscamos a partir dos conhecimentos de Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), as orientações para a construção da proposta de intervenção didática. Quanto aos resultados, nem sempre encontramos nos livros aquilo que queremos ver, mas podemos ajudar a partir do nosso olhar crítico, a contribuir cada vez mais para que esse conhecimento se amplie e seja capaz de sanar as curiosidades e inquietações de pesquisadores que, assim como nós, desejam o melhor sempre.

Palavras-chave: Literatura. Epopeia. Livro didático.

ABSTRACT

Literature is considered among many conceptions, an instrument of communication and social interaction, since it conveys the knowledge and culture of a people. The epic, in turn, is an epic genre, one of the oldest manifestations of Literature, which refers to the historical feats of a people, a nation, with the presence of mythological beings. While the textbook, besides being a very important tool for the formation of the student, is an instrument of growth for the same one, since it assists and contributes much in the daily pedagogical practice of the teacher, besides being theoretical and practical support for the student in school and beyond. When reflecting on the role that the textbook has in the classroom, this work aims to analyze the partial absence of the same, in relation to its historical contextualisation of the epic genre in the book *Viva Portuguese* of the first year of high school, as well as describe the emergence of the epic genre in ancient Greece and Rome and to evaluate how Classicism takes up the Greco-Roman model of the epic genre. To do so, we propose a didactic intervention for Portuguese Language teachers who work in that year. We are based on the reflections of Aristóteles (2008), Calvino (1993), Jaeger (2001), among other theorists. It is a bibliographical research of a qualitative nature in which we seek from the knowledge of Schneuwly, Dolz and Noverraz (2004) the guidelines for the construction of the didactic intervention proposal. As for the results, we do not always find in the books what we want to see, but we can help from our critical eye, to contribute more and more to this knowledge to expand and be able to heal the curiosities and worries of researchers who, like us, wish the best ever.

Keywords: Literature. Epic. Textbook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Livro utilizado para análise.....	14
Figura 2	- Sumário do LD.....	34
Figura 3	- Continuação do Sumário do LD.....	35
Figura 4	- Epopeias Clássicas - Atividade.....	38
Figura 5	- Continuação de Epopeias Clássicas – Atividade.....	39
Figura 6	- Trecho <i>Os Lusíadas</i>	40
Figura 7	- Continuação do Trecho <i>Os Lusíadas</i>	41
Figura 8	- Poema <i>O Mostrengo</i>	41
Figura 9	- Continuação do Poema <i>O Mostrengo</i>	42
Figura 10	- Orientações do MP.....	46
Figura 11	- Estrutura geral da coleção.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP	Centro de Formação de Professores
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
HQ	Histórias em Quadrinhos
LC	Literatura Clássica
LD	Livro Didático
LDs	Livros Didáticos
LP	Língua Portuguesa
MP	Manual do Professor
OCNEM	Orientações Curriculares do Ensino Médio
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
VG	Vasco da Gama

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 METODOLOGIA	14
2 DA NATUREZA DO LITERÁRIO	17
2.1 A LITERATURA E CONCEITO DE EPOPEIA NA ANTIGUIDADE	17
3 A POESIA DE CAMÕES	23
3.1 CONHECENDO O POETA LUÍS VAZ DE CAMÕES	23
3.2 CLASSICISMO	25
3.3 A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE CAMÕES	26
3.4 OS LUSÍADAS NO ASPECTO LITERÁRIO E LINGUÍSTICO	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
4.1 O LIVRO DIDÁTICO COMO INSTRUMENTO DE CRESCIMENTO	31
4.2 O LIVRO VIVA PORTUGUÊS	33
4.3 ESTUDO DA EPOPEIA NO LIVRO DIDÁTICO: ORIENTAÇÕES SUGERIDAS PELO MANUAL DO PROFESSOR – PONTOS FORTES	36
4.4 ESTUDO DA EPOPEIA NO LIVRO DIDÁTICO: ORIENTAÇÕES SUGERIDAS PELO MANUAL DO PROFESSOR – PONTOS FRACOS E DICAS	42
4.5 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

O homem sempre buscou encontrar formas de não se apagar no tempo aquilo que almejava, por isso, lindos cantos eram entoados em palácios, nas ruas, na antiguidade, como modo que eles encontravam para comemorar grandes feitos.

O presente trabalho busca contribuir de modo significativo, para os estudos do gênero epopeia e tem como tema: O estudo da epopeia no Livro Didático (LD) no 1º ano do ensino médio, feito a partir da disciplina Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa.

A epopeia por mais antiga que possa ser considerada por muitos, não deixa de ser atual, pois representa também a moral de um povo que mesmo sem a escrita, já produzia seus princípios, sua cultura, seus ideais, por meio de poemas épicos. Entretanto, o essencial de um clássico não é só o que se conta, mas como ele é contado. Temos certa inquietação com o que vem a ser estudado pelos nossos alunos, o que de fato pode representar para eles um bom texto, um clássico. Ainda que sem querer nos distanciemos da leitura dos autores originais, não podemos permitir que o discente não tenha esse privilégio. É hora de trazer para os nossos alunos poemas valiosos que, assim como na Grécia Antiga e em Roma, tiveram maior contemplação possam ser hoje contemplados, estudados e refletidos em nossas escolas.

Esse estudo tenta mostrar como a epopeia é trabalhada no LD do 1º ano do ensino médio, levando em consideração que se trata de um Manual do Professor (MP) e que mesmo como ponto forte no livro venha orientações para que o docente não se perca na hora de interagir com os alunos ou compartilhar conhecimentos, possui como ponto fraco não apresentar de maneira mais contextualizada o contexto histórico, tanto da escola literária a qual pertence a epopeia, o Classicismo, como também a falta de contexto até mesmo sobre o próprio gênero.

Baseamo-nos em alguns problemas considerados por muitos docentes, como: porque não temos tantos trabalhos sobre o gênero epopeia quando pesquisamos até mesmo em sites confiáveis? Como vem sendo exposto o conteúdo sobre a epopeia nos Livros Didáticos (LDs)?

É evidente que se fosse trabalhado mais esse assunto em níveis superiores sobre a importância da epopeia nos LDs, teríamos mais pesquisas com outros olhares e aprofundamentos a respeito do tema. É necessário também que o

conteúdo nos LDs seja abordado de maneira mais contextualizada, procurando sanar as curiosidades que os alunos possam vir a sentir ou que já existam, trazendo primeiramente o assunto bem explicado, para depois sugerir exercícios que, juntamente, com a interdisciplinaridade os ajudem a não ver o gênero epopeia como algo difícil.

O referido trabalho justifica-se na medida em que passamos a discutir com os professores de Língua Portuguesa (LP), a importância de se trabalhar com este gênero que muito tem a oferecer para o conhecimento dos alunos, pois não se trata apenas de um poema épico longo como costuma ser chamado, mas um poema que é rico em cultura, linguagem e por isso clássico. Preocupamo-nos em como de fato esse gênero é estudado na sala de aula, uma vez que os alunos costumam alegar que não gostam de ler, não se identificam com o gênero, não compreendem o que leem na epopeia, entre outras particularidades relacionadas ao estudo do gênero. Além da escassez de trabalhos relacionados a esse tema.

De fato, não estamos mais na Idade Média, nem vivendo o Classicismo, mas quando temos em nossas mãos esses poemas, podemos imaginar, a cada verso escrito, momentos extraordinários que autores como Camões e Homero buscaram mostrar nas entrelinhas de cada verso. Quem é apaixonado pela Literatura Clássica (LC) consegue compreender a importância do ler aquilo que está implícito, como já dizia Paulo Freire (1996, p. 21): “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

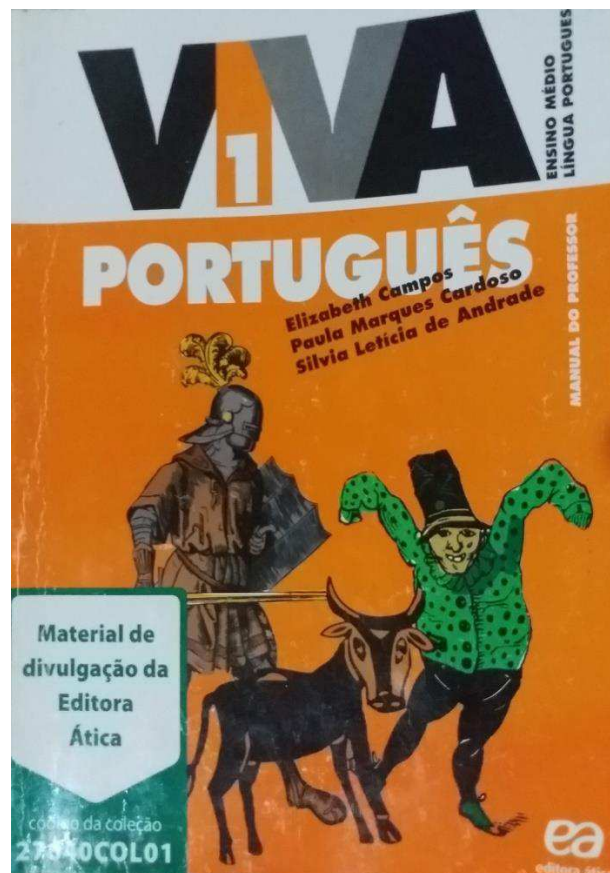
Tivemos, como Objetivo Geral: analisar a ausência parcial no LD da contextualização histórica do gênero épico. Como específicos tivemos em mente que, além de descrever o surgimento do gênero épico na Grécia Antiga em Roma; bem como avaliar como o Classicismo retoma o modelo greco-romano do gênero épico, é necessário verificar como o livro didático aborda o gênero épico.

Para tanto, a metodologia utilizada trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. Como aporte teórico, tivemos a contribuição de Aristóteles (2008), Calvino (1993), Jaeger (2001), entre outros teóricos.

1.1 METODOLOGIA

O livro aqui analisado faz parte da coleção *Viva Português* da editora Ática, volume I, primeiro ano do ensino médio, sendo um manual do professor (MP), do ano de 2015 até 2017, das autoras: Elizabeth Campos, Paula Marques Cardoso e Sílvia Leticia de Andrade.

Figura 1 – Livro utilizado para análise



Fonte: Campos; Cardoso e Andrade (2013).

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, já que: “este tipo de pesquisa tem como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (MARCONI e LAKATOS, 2007)”.

Neste sentido, leva em consideração os conhecimentos partilhados de autores que trabalham com a epopeia e a LC por meio da escola Literária: Classicismo.

Para autores como Aristóteles (2008), a epopeia é um gênero que não possui limite de tempo. Soares (2000) constata que a mesma trata-se de uma narrativa longa.

Esta pesquisa é, ainda, de caráter qualitativo, porque, segundo Gerhardt e Silveira (2009), a preocupação maior deste tipo de pesquisa não se restringe apenas na representatividade numérica, mas na questão do aprofundamento, na reflexão sobre aquilo que ler, visando assim, explicar o porquê das coisas. Não trabalhamos nessa pesquisa apenas com a questão de analisar um livro ou uma unidade, mas de buscar compreender a forma como o gênero epopeia é posto e refletir sobre as orientações que nele estão inseridas.

Apresentamos uma sequência didática baseada nas contribuições e na proposta de trabalho de Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), ainda que não sigamos a risca suas orientações, mas que foram muito importantes para o desenvolvimento da nossa sequência. Já que eles sugerem práticas que somam com a ideia de que podemos ser capazes, como professores, de encontrar instrumentos que facilitem o estudo e a compreensão dos alunos.

Assim, o nosso trabalho está estruturado em quatro capítulos e as considerações finais. A começar pela Introdução. Aqui discorreremos sobre o assunto da pesquisa; apresentamos os objetivos; justificativa; problemas relacionados ao motivo pelo qual escolhemos trabalhar com o gênero epopeia no livro do primeiro ano do ensino médio; a importância do poema épico como gênero literário realizado em forma de uma proposta didática em conformidade com a análise do LD, metodologia e a organização do texto, indicando o que será discutido em cada capítulo.

No segundo capítulo, discutimos sobre o conceito de epopeia na Antiguidade, É um breve estudo sobre como era a concepção desse gênero até as mais recentes pesquisas. Comentamos ainda sobre as epopeias clássicas que serviram de inspiração e modelo para o poeta Luís Vaz de Camões, que escreveu a epopeia luso-portuguesa *Os Lusíadas*, poema este que o tornou um dos maiores poetas da nossa LP e também sobre a Literatura no que diz respeito à LC, já que a mesma trata de valores não só morais, como também valores culturais que nos permitem refletir sobre aquilo que lemos. Neste sentido, as epopeias também são conhecidas como poesias clássicas, por remeterem também a esses aspectos, fazendo com que

o leitor queira ler novamente e assim em cada nova leitura perceber algo que não percebeu na anterior.

Sobre o terceiro capítulo, abrimos espaço para falar um pouco sobre o poeta português Luís Vaz de Camões, ele que não só na lírica com seus sonetos de amor tornou-se popular, mas também com o gênero épico mais precisamente com a epopeia *Os Lusíadas*, obra prima. Apresentamos um resumo sobre os dez cantos do poema e também sobre o Classicismo, uma escola literária conhecida por retomar os valores do mundo antigo, além de ser um movimento que valoriza a estética clássica como também a pureza formal, dando a escola um padrão por excelência.

No quarto capítulo, discorremos brevemente sobre o LD e sua importância como um instrumento para o processo de ensino-aprendizagem. Fazemos uma análise do livro *Viva Português*, do primeiro ano do ensino médio, trabalhando a Unidade Três que se refere ao gênero epopeia, e como esse gênero é trabalhado no livro, bem como as orientações sugeridas pelas autoras e o MP. Para tanto, elaboramos uma sequência didática que pretende orientar o professor de maneira que amenize a dificuldade que a maioria encontra ao se deparar com o gênero épico e trabalhar com ele em sala de aula. Pois acreditamos estar oferecendo um novo olhar sobre como pode ser trabalhado esse gênero, contribuindo para sua prática docente.

Em nossas considerações finais, especificamos os resultados da pesquisa. Em seguida, nossas referências, que foram imprescindíveis para abrir espaço e contribuir de forma pertinente para as nossas discussões.

2 DA NATUREZA DO LITERÁRIO

2.1 A LITERATURA E CONCEITO DE EPOPEIA NA ANTIGUIDADE

Como o homem nos tempos mais remotos poderia não deixar que a cultura que ele tinha se perdesse com o tempo? Evidentemente, muito se perdeu ao longo dos anos, entretanto pela História sabemos através das pinturas rupestres que nos permitiram conhecer em que tipo de cultura o homem naquela época vivia. No entanto, na Antiguidade Clássica, era a epopeia considerada sinônimo de cultura e de alegria, pois mesmo sendo poemas longos, eram cantados inicialmente já que tudo era realizado a partir da oralidade, o que não deixava de propiciar a exaltação de um espírito guerreiro e a educação da juventude, valores que eram passados de geração em geração.

É mais do que um poema versificado, sustenta sabedoria, conhecimento e ao mesmo tempo em que educa quem o ler e declama, pois traz nas entrelinhas de cada verso, valores pelos quais os homens da Antiguidade tinham como exemplo de vida. Sobre isso Jaeger (2001), faz um aparato sobre a educação, ao mesmo tempo em que nos instiga a refletir sobre o que seria a educação se não, conhecimentos múltiplos, que felizmente podemos ter acesso através das epopeias, sejam elas as mais antigas ou modernas:

Uma educação consciente pode até mudar na natureza física do homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana (JAEGER, 2001, p. 3).

Nessa perspectiva, os alunos muitas vezes não conhecem essa ferramenta, porque o que eles conhecem, é justamente, um olhar precipitado sobre a literatura. A LC, por exemplo, permite-nos conhecer melhor o gênero épico e as suas especificidades. O que contribui para desmistificar que essa literatura colocada muitas vezes como difícil, linguagem erudita, longa e entre outros adjetivos, pode ser vista de uma maneira mais convidativa e que pode tornar mais próxima do aluno abrindo espaço para se trabalhar em sala não somente o conhecimento das

mesmas, como também instigá-los a investigar, pesquisar, compreender também a contextualização social e histórica.

A LC é uma ferramenta de ensino que vai além da importância de se compreender os textos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou nos vestibulares, pois nos ensina a valorizar cada verso que interpretamos, contribui de maneira significativa para nossa formação, é sobre mostrar aos alunos que eles estão diante de um mundo que nos permite recriar, inventar, traduzir e acima de tudo, aprender a olhar de outra maneira, com outros olhos, a partir de algumas reflexões que esta literatura nos permite conhecer.

A literatura trata de valores e nos permitem refletir sobre aquilo que lemos. Por isso é difícil se ter com concretude sobre o que é realmente considerado clássico, visto que muitos autores vêm tentando defini-lo há muito tempo. Calvino (1993, p. 11), também procura em seu livro “Por que ler os clássicos?” contribuir para essa resposta, quando em um de seus conceitos salienta:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).

O autor com esse conceito nos faz refletir que ao nos depararmos com uma leitura clássica é possível encontrar marcas de outras leituras que já fizemos, ao mesmo passo que podem ser encontradas nas entrelinhas de um clássico, trazendo para este conceito a relação de clássico e sociedade, no que diz respeito à reflexão da essência de uma sociedade, cultura e linguagem.

Calvino (1993, p. 16) remete à ideia de que “a única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos”. Parece meio óbvio isso, apesar de muitas vezes não termos total consciência disso e muito menos habilidade para interpretar, porém, isso é o que temos como maior afirmação do autor, até por que o que é clássico pode até não chegar a uma definição concreta como aquelas que encontramos no dicionário Aurélio (2001, p. 158, grifo nosso): “1. *Relativo à arte, à literatura, ou à cultura dos antigos gregos romanos.* 2. *Que segue, em matéria de artes, letras, cultura, o padrão deles.* 3. *Da melhor qualidade, exemplar.*” Porém, é tudo aquilo que não se perde nem mesmo com o passar dos séculos, quanto mais lemos mais queremos lê-los. Seja da antiguidade ou da nossa

contemporaneidade, clássico é a leitura que nos permite reconhecer em cada linha que lemos, é um debruçar-se e ler-se a si mesmo.

Entender sobre o conceito de clássico implica justamente conhecer as particularidades das quais a literatura grega e latina são constituídas e nos dão a possibilidade de conhecer obras que mesmo depois de muitos séculos ainda continuam sendo, de alguma forma, tão atuais quanto às obras que são contemporâneas. Marques Júnior (2008, p. 12) refere-se ao clássico ao dizer que:

Clássico aparece e, retomado como um ciclo, permanece, porque fundado em valores universais e entranhados no ser humano. O Clássico vive em permanente estado de movimentação, o que lhe garante a eternidade. Há dois mil e oitocentos anos, Homero é escutado, lido, comentado e analisado. Nenhum outro autor na história da humanidade ocidental é tão prestigiado quanto Homero.

Só pontua ainda mais para aquilo que buscamos mostrar aqui, que o clássico é lido e relido várias vezes por permitir que o leitor se encante com um mundo que ele só é capaz de conhecer em sua imaginação, assim como retratam tanto os costumes de uma época remota, como influenciam nas gerações posteriores. Não é à toa que as maiores epopeias que conhecemos são trazidas para nós em forma de filmes, histórias em quadrinhos (HQ) e são estudadas e analisadas sem perder a sua essência. Sempre existe uma relação forte com os versos em cada canto, instigando o leitor a conhecer esse mundo. A epopeia em si se caracteriza também pelo maravilhoso, por isso mesmo há a intervenção dos deuses interferindo nas ações dos personagens que são heróis. Moisés (2008, p. 153) ressalta que:

[...] a poesia épica deve girar em torno de assunto ilustre, sublime, solene, especialmente vinculado a cometimentos bélicos; deve prender-se a acontecimentos históricos, ocorridos há muito tempo, para que o lendário se forme e/ou permita que o poeta lhes acrescente com liberdade o produto da sua fantasia (Moisés 2008, p. 153).

Trata-se de uma narrativa em versos de fatos grandiosos centrados na figura de um herói ou de um povo, sendo Homero o fundador da poesia épica na Grécia Antiga, já que o mesmo com seu talento e dedicação àquilo que fazia, é a quem se atribuí a autoria das obras primas como *Ilíada* e *Odisseia*, além da epopeia grega há também poemas épicos como por exemplo Gilgamesh, uma epopeia Hindu.

É indiscutível falar sobre esse gênero aqui já exposto e não citar Aristóteles, que também com sua grande contribuição em diversas áreas do saber, e como um dos grandes filósofos de todos os tempos, que na: “A poética”, busca definir o que é epopeia, quando faz menção às definições também de tragédia, outro gênero considerado dramático, em relação à epopeia, ressalta que sendo um gênero épico, imita ações de heróis ou homens superiores, porém possui uma extensão maior do que a tragédia por exemplo.

Sobre epopeia, ele define:

A epopeia segue de perto a tragédia por ser também imitação, com palavras e ajuda de metro, de caracteres virtuosos. Todavia, difere desta por ter um metro uniforme e por ser uma narrativa. Diferem ainda quanto à extensão: uma esforça-se o mais possível por durar uma só revolução do Sol ou demorar pouco mais, enquanto a epopeia, não tendo limite de tempo, é diferente neste aspecto (ARISTÓTELES, 2008, p. 46-47).

O autor, ao destacar essa comparação entre esses gêneros, ressalta que a tragédia é um dos gêneros mais próximos da epopeia, já que ambas constituem uma imitação de grande valor, no entanto, diferem devido o épico possuir uma métrica uniforme e a sua forma narrativa, no que diz respeito à extensão ser longa, e a tragédia mais curta. Deve-se salientar que era a métrica que facilitava a memorização, pois eram textos que além de narrar feitos heroicos tinham também o objetivo de educar, servir de modelo para o comportamento, por isso clássico.

Aristóteles ressalta ainda que a epopeia é uma narrativa e por isso nela é possível se ter representações em que muitas partes são simultâneas, ao contrário do que ocorre na tragédia. Por isso, é importante salientar que o metro utilizado na poesia épica antiga, é o heroico datílicos, Camões por sua vez, utiliza da métrica em sílabas átonas e tônicas.

Nessa perspectiva temos ainda a ideia de Soares (2007), que visa contemplar ainda mais essa definição de maneira que muitas vezes encontramos nos livros didáticos, justamente por tratar-se de uma definição que ao mesmo tempo em que frisa o conceito que conhecemos desse gênero, exalta seu caráter e suas particularidades ao citar que os acontecimentos históricos do passado podem ser vistos por uma atmosfera maravilhosa. Vejamos:

Sendo a epopéia uma *longa narrativa literária de caráter heróico, grandioso e de interesse nacional e social*, ela apresenta, juntamente com todos os elementos narrativos (o narrador, o narratário, personagens, tema, enredo, espaço e tempo), uma *atmosfera maravilhosa* que, em torno de *acontecimentos históricos passados*, reúne mitos, heróis e deuses, podendo-se apresentar em prosa [...] ou em verso (SOARES, 2007, p. 39, grifo do autor).

No entanto, é necessário destacar que só em 560 a.C., o tirano grego Pisístratos que acredita ser descendente de Nestor de Pilos, teria ordenado a escritura dos versos. A *Ilíada* e a *Odisseia* que estavam na memória da população há mais de 300 anos, ou seja, da modalidade oral passou para a modalidade da escrita. De acordo com Jonhs Putra¹ (2006, p. 12, tradução nossa) “eles foram o resultado de uma tradição oral de narrativas sobre a criação do mundo e de eventos significativos no início da história humana”. Estes poemas não só ficavam na memória, mas em consequência de serem poemas recitados em momentos especiais e além de tratarem de feitos heroicos também eram modelos para a educação, para os costumes de um modo geral. Por isso eram chamados de clássicos.

Como referência, temos as principais epopeias que conhecemos da cultura ocidental atribuídas a Homero provavelmente no século VIII ou VII a.C., são *A Ilíada* narra a Guerra de Tróia entre os gregos e troianos. Um dos motivos da guerra foi a paixão entre Helena e o príncipe troiano Páris. A partir dessa paixão o príncipe rapta Helena, violando um dos princípios da Antiguidade que era respeitar o anfitrião. Nesse caso, Menelau, que havia recepcionado e teve que se ausentar, nesse ínterim a sua esposa é raptada. O poema é constituído de 15.693 versos em hexâmetro dactílico. Já “*Os Lusíadas*” adotou o verso decassílabo, que não é medido em pés. Segundo Thamos (2011, p. 206) descreve que esses versos “[...] apresenta uma constituição que varia de 13 a 17 sílabas, de acordo com o arranjo de longas e breves que formam os pés, em cada verso” referente ao formato tradicional da épica grega, por ser em versos e vir da tradição oral, está dividido em 24 cantos.

A *Odisseia*, por sua vez, também atribuída ao poeta Homero, narra as aventuras do herói Ulisses, quando retorna para Ítaca o seu reino depois da Guerra

¹ Adeline Jonhs-Putra é professora de inglês na Universidade de Exeter, no Reino Unido. Ela é autora de *Heroes and Housewives: Poesia Épica Feminina e Ideologia Doméstica na Era Romântica* (2001), e também publicou artigos sobre gênero na era romântica. Citação Original em inglês: “They were the result of an oral tradition of narratives telling of the creation of the world, and of significant events in early human history.”

de Tróia. É composta de 12 mil versos em hexâmetro que foram divididos também em 24 cantos. É importante destacar que essas duas epopeias juntamente com a *Eneida* de Virgílio serviram de inspiração ao poeta Camões para escrever *Os Lusíadas*, que é considerado o maior poema épico da LP.

A *Eneida* escrita pelo poeta latino Virgílio, a pedido do imperador Otaviano (29 a.C. - 19 a.C.), narra a história de Eneias, um troiano que é salvo durante a guerra de Troia e que enfrenta muitos obstáculos até chegar à Itália, além de enaltecer a fundação de Roma, utilizando-se de lendas tradicionais do povo romano. É composta de 12 cantos, com uma métrica singular e versos hexâmetros datílicos.

A seguir apresentaremos as principais características da obra camoniana e sua importância para a literatura e a LP.

3 A POESIA DE CAMÕES

3.1 CONHECENDO O POETA LUÍS VAZ DE CAMÕES

Quanto ao poema *Os Lusíadas*, escrito pelo poeta português Luís Vaz de Camões, a pedido do rei D. Manuel I, constituído por 10 cantos e 8.816 versos, diferentemente das outras epopeias clássicas, possui sua métrica em decassílabos, versos de dez sílabas poéticas, celebra na verdade os feitos marítimos e guerreiros de Portugal, tendo como herói Vasco da Gama.

Um dos maiores poetas de toda a humanidade e considerado também o maior poeta da língua portuguesa, é conhecido pelo nome de Camões, mas precisamente Luís Vaz de Camões. Um gênio da poesia, comparado até mesmo a Virgílio e Shakespeare. Autor de obras como: *El-Rei Seleuco* (1545), peça de teatro, *Anfitriões* (1587), uma comédia escrita em forma de auto; *Rimas* (1595), uma coletânea de sua obra lírica; no entanto entre todas as suas obras a que mais se destaca é a epopeia *Os Lusíadas* (1572), um grande poema épico.

A vida de Camões ainda continua sendo um enigma em diversos aspectos, no entanto, é provável que ele tenha nascido em 1524 ou 1525, possivelmente em Lisboa, Coimbra, Alenquer ou até mesmo em Santarém. Era filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá de Macedo, natural de uma família fidalga, porém empobrecida.

Camões foi um jovem aventureiro que aproveitou muito a vida boêmia, mesmo não tendo condições financeiras. Teve uma formação no Mosteiro de Santa Cruz. Segundo Abdala Júnior e Paschoalin (1990, p. 37), essa passagem nesse Mosteiro “[...] associa uma vida fundamentada na experiência tumultuada e aventureira.”

Fez muitas viagens, embora algumas tenham sido motivo para escapar da prisão. Em um combate acaba perdendo um olho, mas não deixa de continuar sendo um gênio no seu tempo. É imprescindível salientar que foi um homem que teve fortes amores e paixões até por mulheres da realeza, como D. Maria, irmã de D. João III e até mesmo por Catarina de Ataíde, que é conhecida em seus poemas pelo anagrama de Natércia, elas que de alguma forma tiveram um papel grandioso na vida do poeta.

Ainda sobre Camões, os autores Abdala Júnior e Paschoalin (1990), referem-se ao poeta como um grande autor da nossa LP, um ser sensível e que conseguia enxergar além da sua época. Descrevem que:

Camões é o grande autor da literatura portuguesa. Sua obra reflete o tempo histórico a que pertenceu. É um tempo em que desenvolvimento associa-se a decadência, viver a morrer, alegrar-se a entristecer-se. É um tempo cujos valores se fundamentam na razão e na experiência. Mas a emoção ganha força porque é individualizada e simultaneamente não individual. Esses elementos antagônicos fazem de Camões um autor de características universais. Portanto, sua obra reflete o tempo histórico no qual viveu e um tempo sem limites cronológicos (ABDALA JÚNIOR; PASCHOALIN, 1990, p. 38).

Não é à toa que ele ainda é hoje considerado um gênio da poesia, tanto lírica quanto épica, sua sensatez ultrapassa todas as gerações, conhecido assim como o autor de um dos maiores poemas líricos: *“Amor é fogo que arde sem se ver”*. Camões expande seu talento e sua genialidade dentro e fora dos quadros literários portugueses.

Nessa perspectiva, Saraiva e Lopes (2008), destacam as características e habilidades do poeta português, ressaltando que suas obras não eram apenas de ficção, ele supera a arte com suas experiências e conflitos.

Viajante, letrado, humanista, trovador à maneira tradicional, fidalgo esfomeado, numa mão a pena e noutra a espada, salvando a nado num naufrágio, manuscrita, a grande obra da sua vida, Camões assumiu e meditou a experiência de toda uma civilização cujos conflitos viveu na sua carne e procurou superar pela criação artística (SARAÍVA; LOPES, 2008, p. 313).

Ele escreveu uma das maiores obras da nossa LP, *Os Lusíadas* em 1572, ano de sua publicação, considerada sua obra mais preciosa e que impressiona pela a capacidade que tem de nos fazer refletir sobre o ser do homem, o povo, a própria cultura portuguesa. Contudo, viveu anos de miséria após a escrita da epopeia, devido o pagamento por ela ter algumas irregularidades, e assim como em seu nascimento, não se sabe ao certo o ano, mas estima-se que faleceu em 1579 ou 1580.

Camões traz consigo características próprias do Classicismo que constitui a faceta, a estética renascentista, o movimento clássico que imita os antigos gregos e romanos, ao mesmo tempo em que busca a perfeição e o equilíbrio em sua poesia.

3.2 CLASSICISMO

Para o dicionário Aurélio (2001, p. 158, grifo nosso), Classicismo significa: “1. *Qualidade do que é clássico.* 2. *Doutrina literária e artística baseada na tradição clássica greco-romana.* 3. *O estilo clássico*” Além dessa definição, é também o nome que se dá a uma escola literária, logo depois do Humanismo em Portugal. A arte não é vista apenas de maneira superficial, na verdade não é nem comparada à superficialidade, no que diz respeito a algo pouco profundo mas, a uma forma de manifestação de beleza, harmonia, de algo valioso, esplêndido, clássico.

Falar sobre o pensamento grego é lembrarmos de como eles souberam progredir à medida que buscavam repassar seus valores através das epopeias. Os gregos nos deixaram vasta mitologia, epopeia, comédia, tragédia, filosofia, escultura, arquitetura, etc. Foram autores como Homero que com a *Ilíada* e a *Odisseia* recontou mitos e histórias modelando conforme sua criatividade, mostrando mais uma vez que o gênero épico é tão rico quanto qualquer outro gênero, rico em valores, cultura, ensinamentos, diversidade.

Temos conhecimento de que foi no mundo antigo por volta do século VIII ou VII a.C. que surgiu o gênero épico e que ocupava uma classe especial desses poemas épicos, um ciclo que com numerosos poemas tratavam sobre história de guerras como a de Tebas e Troia, entre outros mitos. É importante ressaltar que no gênero épico, também se inclui a ficção de uma maneira geral. Levando em consideração que apesar de esse gênero ser narrativo e abranger várias modalidades textuais, algumas pessoas tendem a pensar que o mesmo trata-se apenas de uma epopeia, e que a narrativa é voltada apenas para romance, um conto ou até mesmo uma novela, o que na realidade, não é bem assim. Todos esses subgêneros já citados fazem parte do gênero épico, ainda que existam algumas particularidades entre eles.

O Classicismo, também conhecido como uma escola literária foi um movimento cultural que se desenvolveu na Itália, no final do século XV, tendo como um dos maiores estilos clássicos os artistas da Renascença, a exemplo de Dante na

literatura e Michelangelo na pintura e na escultura. O Renascimento retoma a epopeia como gênero épico, antigos hinos cantados nas festas de comemoração da vitória de algum chefe guerreiro, de um rei ou até mesmo de uma outra figura de destaque, como por exemplo, a presença mítica como fundação de uma cidade.

É na realidade uma sintonia da alma humana, sendo representada nas ações dos heróis, ou seja, nas suas atitudes. Esses cantos, conhecidos hoje por poemas, por isso a nomeação: poemas épicos, na verdade eram narrativas de feitos grandiosos que contavam com a escuta e o interesse de todo o povo. Não se pode negar que há também uma mistura de arte e política nesses poemas, visto que se voltam também para a nobreza do palácio, lugar que também eram cantados.

Para Moisés (2008), o Classicismo além de ser uma escola literária, destaca que:

O Classicismo consistia, antes de tudo, numa concepção de arte baseada na imitação ou mimese dos clássicos gregos e latinos, considerados modelos de suma perfeição estética. Imitar não significava copiar, mas, sim, a procura de criar obras de arte segundo as fórmulas, as medidas, empregadas pelos antigos (MOISÉS, 2008, p. 67).

Isso significa dizer que a estética clássica serviu como um modelo para Camões que, ao escrever *Os Lusíadas*, se baseou em Homero e Virgílio, autores considerados até hoje modelares da literatura greco-romana.

3.3 A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE CAMÕES

A obra de Camões tem como principal destaque traços bem construídos. Nela encontram-se episódios marcantes da história e que de fato contribuem com o conhecimento contemporâneo, como também retrata questões míticas e realistas. Ela abrange uma soma das literaturas clássicas juntamente com a preciosidade que são os poemas nacionalistas.

Nesse contexto, *Os Lusíadas*, como obra prima, foi responsável por ganhar destaque e ser considerada a poesia heroica, motivada pelo sentimento enorme de um povo pelos seus atos grandiosos narrados em um dos momentos mais importantes da história de Portugal.

No cenário português Camões, ao retornar de sua viagem às Índias, trazendo consigo a sua obra de maior destaque, *Os Lusíadas*, é pertinente observar que algumas situações vivenciadas por ele de alguma forma podem estar inseridas nessa obra, já que a mesma contém características como a simplicidade, a sensibilidade que ele exalava, sua criticidade e ao mesmo tempo intelectualidade sobre a cultura portuguesa tal como sua experiência, esplêndida genialidade bem como é visível nos versos épicos conhecer características do classicismo, sem abandonar suas convicções religiosas católicas.

A obra foi publicada em 1572, em que narra os feitos marítimos e guerreiros dos portugueses e pode ser considerada como uma criação artística excepcional da nossa língua, pois a mesma exalta a linguagem da época bem como contempla as proezas dos navegadores portugueses e seus feitos, representado também na figura de Vasco da Gama (VG). Ou seja, é com *Os Lusíadas* que a sociedade portuguesa fica à frente do século XVI, já que Camões acrescenta em sua obra, além da exaltação a Portugal, também expõe de maneira brilhante o idioma português, às condições sociais daquela época, além de elementos muito importantes e que fazem parte do Classicismo.

A obra em questão tem a sua importância também na formação do homem português, uma vez que ensina a todos e até mesmo as crianças fatos históricos de Portugal por meio da Literatura, contribuindo principalmente na sua concepção de cidadão adquirindo o conhecimento por meio da leitura, escrita e a reflexão nessa poesia épica.

3.4 OS LUSÍADAS NO ASPECTO LITERÁRIO E LINGUÍSTICO

O poema *Os Lusíadas*, escrito pelo poeta português Luís Vaz de Camões, a pedido do rei (D. Manuel I), é constituído por 10 cantos, 1.102 estrofes e 8.816 versos decassílabos heroicos (acentuação nas 6^a e 10^a sílabas) e sáficos (acentuação nas 4^a, 8^a e 10^a sílabas), tendo estrofes de oitos versos com estrutura rítmica abababcc que celebra as glórias do povo português e efetivamente os feitos marítimos e guerreiros de Portugal, tendo como herói VG, como também faz menção a algumas entidades da mitologia greco-romana presentes nas ações no poema, tal

como Vênus que tem como papel de proteger os portugueses e Baco que tenta impedir que VG e seus companheiros cheguem às Índias.

Na época clássica o herói é um semideus, ou um ser superior. Isto significa que ele tem uma ascendência divina, ora filho de uma mortal e um deus, ora de um mortal e uma deusa. No entanto, na obra *Os Lusíadas*, escrita na Idade Moderna, verifica-se que há um herói individual, VG, mas também o herói coletivo, que é justamente o povo português. O que gera uma nova dupla perspectiva: o herói pode ser considerado um ser real e não mitológico; e o herói português não é semideus, o que distingue o lusitano dos heróis épicos. Abdala Junior e Paschoalin (1985), sobre esse aspecto argumenta que por existir esses dois tipos de heróis, existem no poema dois tipos de episódios: o histórico e o mitológico, como é possível constatar. Outros pesquisadores afirmam que as epopeias homéricas também contam com o dado histórico.

A objetividade que predomina na obra visa à razão sobre as emoções, já que a mesma consiste em narrar muitos acontecimentos que comprovam essa afirmação. A origem do nome da obra camonianiana, por exemplo, surge através da lenda do surgimento de Portugal, segundo a qual Luso filho de Baco, fundou no ocidente da Península Ibérica, um reino chamado Lusitânia. No momento em que os romanos se estabeleceram ali, em busca de ampliar suas fronteiras e expandir seus domínios, dividiram-na em três províncias, porém, o nome fixou-se, mesmo sob o domínio dos estrangeiros. Foi dessa retrospectiva histórica que Camões criou uma nova palavra, natural desse contexto para nomear sua epopeia com o título de: *Os Lusíadas*, que faz referência ao povo de Luso, gente das terras lusitanas. Há também a lenda segundo a qual Ulisses, em suas viagens, teria fundado Lisboa. Fernando Pessoa retoma essa lenda em seu poema épico "*Mensagem*".

Abdala Júnior e Paschoalin (1985), quando destacam em seu livro *A História Social da Literatura Portuguesa* sobre a estrutura dos *Os Lusíadas* ressalta que ela é dividida em quatro partes que são:

- a proposição: parte em que o poeta expõe o assunto de que vai tratar (cantará armas e barões);
- invocação: parte em que roga aos entes sobre-humanos inspiração para escrever o poema (invoca a Tágides);
- dedicatória: parte em que o poeta dedica o poema a alguma personagem (a D. Sebastião);

- narração: que é o desenvolvimento da narrativa (ABDALA JÚNIOR; PASCHOALIN, 1985. p. 45).

Todas essas partes são de extrema importância, pois juntas compõem e completam a nossa maior epopeia de todos os tempos. É importante ressaltar que para ser construída, Camões serviu-se de várias fontes históricas e literárias para compô-la. No que diz respeito às primeiras fontes, ele usufruiu de cronistas portugueses como Fernão Lopes e em relação à segunda fonte, utilizou-se das epopeias antigas como a *Eneida*, de Virgílio, bem como a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero. Vejamos brevemente um resumo sobre o poema *Os Lusíadas*.

No Canto I Camões confirma as suas intenções de exaltar a nação luso portuguesa e que o herói do poema será representado por VG e seus marinheiros.

O Canto II depois que eles livram-se de algumas falcatruas realizadas por Baco, com a ajuda de Vênus, conseguindo chegar assim a Melinde, onde são agraciados com festas.

No Canto III, VG torna-se como aquele que conta a história de Portugal. É quando a pedido do rei de Melinde, ele narra feitos muito importantes desde a formação de Portugal. Destaca-se nesse momento o episódio relacionado à Inês de Castro.

O Canto IV faz uso da narração de VG quando o mesmo progride até chegar os dias dos preparativos para o início da viagem. É importante salientar que nesse canto ele conta o episódio do Velho do Restelo.

No Canto V o líder como pode ser chamado VG, continua a narrar as suas aventuras, porém, detém-se no episódio do Gigante Adamastor, a personificação do cabo das Tormentas, cuja travessia foi o momento mais difícil da viagem até ali.

O Canto VI narra as dificuldades da viagem, quando Baco provoca uma tempestade, a sorte dos navegadores é que ela é acalmada graças à intervenção de Vênus e suas Ninfas. É quando também os portugueses finalmente chegam às Índias.

No Canto VII, o líder narra todo o desembarque e expõe suas primeiras aventuras com os mouros.

O Canto VIII retrata as relações problemáticas com os mouros e como tiveram dificuldades, principalmente devido à intromissão de Baco.

No Canto IX os problemas são finalmente resolvidos e a viagem de volta começa. Como recompensa para as dificuldades que passaram, Vênus a deusa do Amor, prepara uma surpresa aos portugueses: a ilha dos Amores, onde os marinheiros recuperam suas forças nos braços das ninfas.

Por último o Canto X narra quando VG é levado por Tétis para ver a máquina do mundo. A viagem prossegue até a chegada a Lisboa. É imprescindível salientar que as estrofes finais dão lugar a um tom melancólico com o qual Camões profetiza o fim dos dias de glória em Portugal e utiliza-se de retórica para criticar a ganância do seu povo.

A obra ultrapassa na realidade o século XVI e possui um valor universal, já que remete, de alguma maneira, à forma como o homem até nos dias atuais se mantém, como as peculiaridades próprias do ser humano em ser curioso, de conquistar novos objetivos e metas, entre outras especificidades que podemos enxergar no poema. O que remete a genialidade do poeta em forma de versos e que transforma o homem fazendo o mesmo possa refletir sobre os próprios feitos.

A epopeia camoniana é uma epopeia portuguesa que traz inovações do Renascimento e que se insere em um momento histórico, marcado pela inspiração clássica. Camões, poeta da fase áurea do Classicismo português, também é estudado nos LDs, um instrumento muito importante para o professor e que contribui extremamente para o ensino-aprendizagem dos alunos. Veremos agora que ele também ganha um novo adjetivo, o de crescimento, visto que o ensino da leitura, da escrita-produção, da oralidade são eixos que só desenvolvemos quando buscamos um conhecimento mais profundo sobre esses aspectos a partir do livro didático. Assim a epopeia torna-se um gênero rico em cultura e linguagem.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 O LIVRO DIDÁTICO COMO INSTRUMENTO DE CRESCIMENTO

O LD sempre esteve presente em nossas vidas, desde os anos iniciais na escola, nas aulas dos jardins, até os anos posteriores. É importante salientar que quando pensamos em aprendizagem sempre vem à nossa mente uma página, um capítulo ou até mesmo a figura de um livro. Ele é responsável também em construir o cidadão, e por esse motivo é imprescindível que os professores ensinem às novas gerações a respeitar e valorizar o LD como um instrumento de crescimento. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) evidenciam que o ensino e a aprendizagem resultam de uma parceria entre o aluno, a língua e o ensino (BRASIL, 2001).

O LD serve de incentivo didático e teórico para o processo de ensino e aprendizagem na sala de aula. Conforme o portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) é só “[...] em 1937 com o Decreto-Lei nº 93, de 21 de dezembro de 1937, cria o Instituto Nacional do Livro”, sob a iniciativa de Gustavo Capanema, ministro da época. Com o passar do tempo e a criação de programas de distribuição de LDs gratuitos para as escolas brasileiras, no momento atual chamado de PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), esses instrumentos didáticos, de todas as áreas do saber, são fundamentados de acordo com as discussões teóricas dos PCN, assim como os de LP, que nos dias atuais vêm sendo inclusos em seu conteúdo programático o ensino gramatical e estabelece como eixo o texto de forma contextualizada.

Os estudiosos que defendem o uso do LD nas escolas, como Bittencourt (2004), ressaltam a importância dele na sala de aula, já que aborda como um mecanismo que auxilia ao professor no ensino-aprendizagem dos alunos, um referencial para o professor. Para tal pensamento ele descreve:

O conhecimento produzido por ele é categórico, característica perceptível pelo discurso unitário e simplificado que reproduz, sem possibilidade de ser contestado, como afirmam vários de seus críticos. Trata-se de textos que dificilmente são passíveis de contestação ou confronto, pois expressam ‘uma verdade’ de maneira bastante impositiva. Os livros didáticos merecem ser considerados e utilizados de acordo com suas reais possibilidades pedagógicas e cada vez mais aparece como um referencial, e não como um texto

exclusivo, depositário do único conhecimento escolar posto à disposição para os alunos (BITTENCOURT, 2004, p. 319).

Isso significa que o educador não precisa ter apenas como aporte teórico o LD, mas deve lembrar que a base para qualquer aula que ele possa dar em sala, começa pelo LD, já que o mesmo exprime os mais diversos aspectos do conhecimento humano.

Em conformidade com Bezerra e Luca (2006), o LD é um instrumento imprescindível tanto no processo de aprendizagem na escola como também fora dela. Vejamos o que afirmam os autores:

Elemento importante na construção do saber escolar e do processo educacional espera-se que contribua para o aprimoramento da ética, imprescindível ao convívio social e à construção da cidadania. Nesse sentido, há que se verificar, nos textos e nas atividades, a existência de uma real preocupação em despertar no aluno a prática participativa, a sociabilidade, a consciência política, enfim, a cidadania, entendida em seu sentido mais amplo (BEZERRA; LUCA, 2006, p. 37).

Dessa forma, saberemos que o aluno aprende na sala de aula, não é apenas algo decorativo, é preciso que o professor atente às peculiaridades que o livro expressa levando em consideração todos os mecanismos importantes para uma boa aprendizagem, a prática participativa é uma delas.

A arte de educar não é tão simples como pensamos, mas é nosso dever quanto mediadores do saber, investigar, discutir, pesquisar o que de fato pode ser repassado na sala de aula. Todo cuidado é pouco quando se trata de ensinar a alguém, não pode ser de qualquer maneira, tem que ser com responsabilidade, não esquecer que jamais podemos impor aos nossos alunos somente uma fonte de informação e conhecimento. O livro é importante, mas até mesmo nele, outras fontes de pesquisas podem e devem estar inseridas, só assim é possível adquirir não só o conhecimento necessário como também estimular uma visão crítica que desperte para cidadania.

Nesse sentido, veremos a seguir, como o livro da coleção *Viva Português MP*, do primeiro ano do ensino médio das autoras: Elizabeth Campos, Paula Marques Cardoso e Silvia Leticia de Andrade, traz a epopeia, gênero épico aqui já abordado, de que maneira é trabalhado, pontos fortes e fracos em relação ao próprio MP, levando em consideração que o gênero em questão deveria ser trabalhado de forma

poética e não apenas de maneira comparatista a outros textos e para o estudo de alguns aspectos linguísticos.

4.2 O LIVRO VIVA PORTUGUÊS

O livro aqui utilizado é da coleção *Viva Português* da editora Ática, volume I, primeiro ano do ensino médio, sendo o mesmo um MP, do ano de 2015 até 2017, das autoras: Elizabeth Campos, Paula Marques Cardoso e Sílvia Leticia de Andrade.

Tendo em vista o âmbito da pesquisa, decidimos pelo livro do primeiro ano ensino médio, levando em consideração que é neste ano que os alunos estudam o Classicismo e conseqüentemente têm o primeiro contato com a epopeia.

O livro escolhido se divide em seis unidades, porém, nos detemos apenas em analisar a terceira unidade, já que é nela que se encontra a escola literária do Classicismo e é importante salientar que trabalharemos apenas com o que diz respeito ao gênero épico e sua contextualização, bem como também um breve passeio sobre as orientações sugeridas ao professor da LP.

O livro é composto de trezentas e trinta e seis (336) páginas, além disso, na parte final do livro, consta uma parte destinada ao docente composta de cinquenta e seis (56) páginas, totalizando trezentas e noventa e duas (392) páginas.

As figuras a seguir sintetizam essas informações:

Figura 2 – Sumário do LD

Sumário	
PROJETO: ANTOLOGIA 8	
UNIDADE DE ABERTURA 10	
Linguagem e língua 12	
Linguagem e língua em uso 13	
Gêneros discursivos 17	
No mundo da oralidade: 20	
A apresentação pessoal 20	
Literatura: arte com palavras 22	
Arte: continuidade e ruptura 23	
Introdução ao estudo da literatura: 26	
Literatura: legado e ruptura 26	
Texto literário e texto não literário 27	
Para ler o texto literário 30	
Poesia e prosa 30	
A conotação 31	
Literatura e cultura 33	
Gêneros literários 35	
UNIDADE 1 - TROVAS E TROVADORES 38	
Língua e produção de texto –	
A literatura de cordel 40	
Texto 1. A pejeja do cérebro com o coração, Marcus Lucerina 41	
Texto 2. Aos poetas clássicos, Patativa do Assaré 46	
Conhecimentos linguísticos 49	
Variedades linguísticas 49	
Produção de texto 58	
Cordel 58	
No mundo da oralidade 62	
Sarau de cordéis 62	
Literatura – Trovadorismo 65	
Texto 1. Cantiga de amor, D. João Soares Coelho 67	
Texto 2. Cantiga de amigo, D. Sancho I 69	
Texto 3. Cantiga satírica, Joan Garcia de Guilhade 70	
Para entender o Trovadorismo 71	
Organização social 71	
Portugal: a formação do reino 72	
As cantigas trovadorescas 73	
A influência provençal 74	
Cantigas de amor 74	
Cantigas de amigo 75	
Cantigas de escárnio e de maldizer 75	
Novelas de cavalaria 75	
Texto e contexto 77	
Cantiga de Amor, Nuno Fernandez Torneol 78	
Comparando textos 79	
O marruêro, Catulo da Paixão Cearense 79	
E por falar em cantigas... 81	
Painel sobre violeiros 82	
UNIDADE 2 - A HUMANIDADE EM CENA 84	
Língua e produção de texto –	
O texto dramático 86	
Texto 1. Lisboa e o prisioneiro, Osman Lins 87	
Texto 2. Off: uma história de teatro, Manoel Carlos 92	
Conhecimentos linguísticos 95	
A frase 95	
Elementos que constroem a coesão do texto 95	
Linguagem oral x linguagem escrita 98	
Produção de texto 102	
Texto teatral 102	
No mundo da oralidade 107	
Teatro 107	
Literatura – Humanismo 109	
Texto 1. Inferno, Dante Alighieri 111	
Texto 2. Auto da barca do inferno, Gil Vicente 113	
Para entender o Humanismo 117	
A Europa ocidental se transforma 117	
O Humanismo em Portugal: Fernão Lopes 119	
A poesia humanista 120	
O teatro vicentino 121	
Texto e contexto 122	
Auto da barca do inferno (trecho II), Gil Vicente 122	
Comparando textos 124	
Alceste, Eurípedes 124	
Auto da barca do inferno, Gil Vicente 125	
Auto da Compadecida, Ariano Suassuna 125	
E por falar em teatro vicentino... 128	
Palco londrino recebe texto de brasileiro, Rodrigo Russo 128	
UNIDADE 3 - UMA FORMA PARA A ARTE 132	
Língua e produção de texto –	
O soneto 134	
Texto 1. Vaidade, Florbela Espanca 136	
Texto 2. Soneto XXXII, Guilherme de Almeida 140	
Texto 3. Soneto arejado, Glauco Mattoso 142	
Conhecimentos linguísticos 143	
Figuras de sintaxe: anáfora, anacoluto e hipérbato 143	
Produção de texto 150	
Soneto 150	
No mundo da oralidade 153	
A oralização do poema 153	
Literatura – Classicismo 155	
Texto 1. Os Lusíadas, Luís Vaz de Camões 158	
Texto 2. “Coitado! que em um tempo choro e rio”, Luís Vaz de Camões 161	
Texto 3. “Tanto de meu estado me acho incerto”, Luís Vaz de Camões 163	
Para entender o Classicismo 164	
O Classicismo em Portugal 164	
O mundo se amplia 165	
Características do Classicismo 165	
Resgate dos modelos greco-romanos 165	
Racionalismo e antropocentrismo 166	
As descobertas 166	
Luís Vaz de Camões 167	
Poesia épica 167	
Forma 167	
Conteúdo 168	
Poesia lírica 169	
Texto e contexto 171	
“Vida da minha alma”, Luís Vaz de Camões 171	
Comparando textos 172	
Os Lusíadas, Luís Vaz de Camões 172	
O mostrengo, Fernando Pessoa 173	
E por falar em resolução de problemas... 176	
Projeto para uma invenção 176	

Fonte: Campos; Cardoso e Andrade (2013, p. 6).

Figura 3 – Continuação do Sumário do LD

UNIDADE 4 - HISTÓRIAS DE QUEM VIAJA 178		O Barroco no Brasil 256
Língua e produção de texto –		Autores barrocos em língua portuguesa 257
O relato de viagem 180		Padre Antônio Vieira (Portugal e Brasil) 257
Texto 1. O que a guerra me ensinou, Maria		Mariana Alcoforado (Portugal) 257
Fernanda Vomerio 182		Frei Luis de Sousa (Portugal) 258
Texto 2. A pé com Lao-tsé, Sérgio Branco 188		Gregório de Matos (Brasil) 258
Conhecimentos linguísticos 191		Texto e contexto 260
Tipos de sujeito 191		"Nasce o Sol, e não dura mais que um dia",
Usos do sujeito na construção da coesão 192		Gregório de Matos 260
A clivagem 194		Da brevidade enganosa da vida,
Produção de texto 198		Luis de Gôngora 261
O relato de viagem e o relato de experiência		Comparando textos 262
(ou pessoal) 198		Como uma onda, Nelson Motta e Lulu Santos 262
No mundo da oralidade 202		E por falar em contrastes... 263
Depoimento 202		
Literatura – Primeiras manifestações		UNIDADE 6 - CIÊNCIA E EMOÇÃO 266
literárias no Brasil 205		Língua e produção de texto – O texto
Texto 1. Carta de Pero Vaz de Caminha, Pero Vaz de		jornalístico de divulgação científica 268
Caminha 207		Texto 1. O céu de Ulisses, Marcelo Gleiser 269
Texto 2. Tratado da terra do Brasil, Pero de		Texto 2. Por que é difícil terminar uma relação?
Magalhães Gândavo 212		Suzana Herculano-Houzel 273
Para entender nossas Primeiras manifestações literárias 213		Conhecimentos linguísticos 276
Autores e obras 213		Complementos verbais 276
Os relatos de viagem — a literatura de informação 213		Produção de texto 283
Pero Vaz de Caminha 213		O texto jornalístico de divulgação científica 283
A literatura de catequese 214		No mundo da oralidade 291
Padre Anchieta 214		A exposição oral 291
Teatro evangelizador 215		Literatura – Arcadismo 293
Texto e contexto 217		Texto 1. Marília de Dirceu (Lira 27),
Carta ao Padre Geral, José de Anchieta 217		Tomás Antônio Gonzaga 294
Comparando textos 218		Texto 2. Marília de Dirceu (Lira 34),
Não adianta ficar reclamando, é preciso fazer		Tomás Antônio Gonzaga 297
acontecer!, Waldemar Niclevitz 218		Texto 3. Imprecações contra uma ingrata, Bocage 300
Milagre nos Andes, Nando Parrado 219		Para entender o Arcadismo 301
E por falar em viagens... 221		Europa: mentes iluminadas 302
Influência de outras culturas 221		O Iluminismo 302
		Portugal: um momento de efervescência cultural 302
UNIDADE 5 – PROFUSÃO DE		O contexto no Brasil 303
IMAGENS E SIGNIFICADOS 224		O ouro brasileiro 303
Língua e produção de texto – O poema 226		A Inconfidência Mineira 303
Texto 1 - Amor, Adélia Prado 227		Características da produção arcáde 304
Texto 2 - A mulher que passa, Vinícius de Moraes 230		Neoclassicismo 304
Conhecimentos linguísticos 232		Visão racional 305
Figuras de linguagem: metáfora, hipérbole e antítese 232		Pastoralismo 305
Produção de texto 240		Simplicidade 306
Poema 240		Espontaneidade 306
No mundo da oralidade 243		Autores arcades em Portugal e no Brasil 306
Apresentação oral 243		Bocage 306
Leitura para benefício de todos 244		Cláudio Manuel da Costa 307
Literatura – Barroco 246		Tomás Antônio Gonzaga 307
Texto 1. "Anjo no nome, Angélica na cara!",		Os épicos arcades 308
Gregório de Matos 248		O Uruguai 308
Texto 2. Sermão do bom ladrão (ou da audácia),		Caramuru 308
Padre Antônio Vieira 250		Texto e contexto 309
Para entender o Barroco 253		"Olha, Marília, as flautas dos pastores", Bocage 309
A Reforma Protestante 253		Comparando textos 310
Contrarreforma: a resposta católica 254		O mundo é um moinho, Cartola 310
Em Portugal 254		Marília de Dirceu (Lira 34), Tomás Antônio Gonzaga 311
Características da literatura barroca 255		E por falar em <i>carpe diem</i> ... 313
Contrastes 255		Consequências das atitudes no futuro 314
Descontentamento 255		
Estilo trabalhado 256		PROJETO: ANTOLOGIA 316
As correntes do Barroco 256		ORTOGRAFIA E OUTRAS QUESTÕES 322
Cultismo — predomínio na poesia 256		BIBLIOGRAFIA 335
Conceptismo — predomínio na prosa 256		

Fonte: Campos; Cardoso e Andrade (2013, p. 7).

A partir do livro, a pesquisa atentou também para a importância do gênero clássico e de como é trabalhado nesse LD. O livro do professor é igual ao do aluno, diferenciando-se por disponibilizar as respostas dos exercícios propostos e também por apresentar orientações ao longo do livro e um manual mais detalhado no final.

Nessa análise, temos, portanto, interesse em promover considerações a cerca da ausência parcial da contextualização histórica do gênero épico, tanto quanto, de que maneira é abordado no livro, no que diz respeito também às orientações sugeridas pelo MP. Logo, os professores de LP poderão se apoiar ou ter como base essa análise para ministrar o estudo da epopeia, de maneira mais significativa, desenvolvendo assim novas práticas e reflexões em sala de aula, como também poderão contar com uma proposta pedagógica que os ajudem no momento em que trabalharem esse gênero.

Com base nos objetivos propostos neste trabalho, considerando que já fizemos uma breve contextualização histórica do gênero épico, além de descrever o surgimento do mesmo na Grécia Antiga em Roma. Nosso propósito agora é verificar como o LD aborda o estudo da epopeia, verificando assim as orientações propostas pelo MP e por fim, contribuir com uma proposta pedagógica, mais precisamente uma sequência didática para os professores da LP.

4.3 ESTUDO DA EPOPEIA NO LIVRO DIDÁTICO: ORIENTAÇÕES SUGERIDAS PELO MANUAL DO PROFESSOR – PONTOS FORTES

Contribuir com a formação de um aluno que, além de leitor, escreve e produz seus textos em conformidade com seus conhecimentos prévios e aqueles ensinados em sala de aula com a ajuda do professor, não é uma tarefa muito fácil. No entanto, não se pode desistir jamais daquilo que estamos destinados a fazer. Um sonho só é realizado quando se corre atrás para que este se realize, da mesma forma que um educador não pode achar que o imprevisto fará com que ele obtenha sucesso em sua sala. É preciso preparo, concentração, dinamismo, compromisso e juntamente com as orientações que lhe são impostas pelo LD, buscar também outras formas de saber.

O livro da coleção *Viva Português* é um bom livro, bem elaborado e que trabalha até mesmo com algumas práticas de linguagem que conhecemos, como a oralidade, produção relacionada à escrita, a análise linguística, além de trabalhar com atividades de produção.

No que diz respeito à terceira unidade do livro, relacionado ao Classicismo, o livro apresenta em linhas gerais um instrumento significativo que ajuda de muitas

maneiras ao professor a propiciar um maior uso da LP que conhecemos. Seus textos permitem que o aluno faça uso de dicionário, instigando-o a pesquisar e não apenas se deter a uma leitura superficial, até porque as orientações sugeridas e inseridas no livro mostram a preocupação que as autoras têm para que os alunos leiam, escrevam e utilizem os recursos que a língua possui de maneira proficiente.

Nesta mesma unidade, no que diz respeito ao estudo da epopeia, contemplado como parte essencial nessa pesquisa, as autoras trazem fragmentos de duas epopeias clássicas que são a *Ilíada* e a *Eneida*, para análise e comparação (Figura 4), bem como também fragmentos do canto I de *Os Lusíadas* (Figura 6, 7). Ainda sobre o assunto, mostram um trecho só que relacionado ao canto V, para comparar com o poema *O mostrengo*, de Fernando Pessoa. (Figura 8, 9) Podemos verificar nas figuras abaixo:

Figura 4 - Epopeias clássicas - Atividade

LITERATURA
Classicismo

Interdisciplinaridade com todas as disciplinas.
Prof., veja no Manual do Professor, na seção Quadros de interdisciplinaridade, os quadros organizados nesta coleção para tornar evidente a interação entre as disciplinas e facilitar o trabalho interdisciplinar.

Prof., a Antiguidade clássica é um período da história europeia que faz parte da chamada Idade Antiga, anterior à Idade Média. Não há consenso entre os estudiosos sobre o início da Antiguidade clássica, mas alguns historiadores costumam datar esse período da seguinte forma: início: VIII a.C., possível surgimento das epopeias atribuídas a Homero; fim: V d.C., desagregação do Império Romano do Ocidente.

P A R A C O M E Ç A R

1. Leia e compare os versos iniciais de duas conhecidas obras da Antiguidade clássica. Veja também as informações sobre cada uma delas.

Ilíada
Canta-me a cólera — ó deusa — funesta de Aquiles Pelida causa que foi de os Aquivos sofrerem trabalhos sem conta e de baixarem para o Hades as almas de heróis numerosos e esclarecidos, ficando eles próprios aos cães atirados e como pasto das aves. Cumpriu-se de Zeus o designio desde o princípio em que os dois, em discórdia, ficaram cindidos, o de Atreu filho, senhor de guerreiros, e Aquiles divino.
[...]

Autor: Homero (séc. VIII a.C.)
Versos: cerca de 15 mil
Origem: Grécia Antiga

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

Eneida
[...]
As armas canto e o varão que, fugindo das plagas de Troia por injunções do Destino, instalou-se na Itália primeiro e de Lavinio nas praças. A impulso dos deuses por muito tempo nos mares e em terras vagou sob as iras de Juno, guerras sem fim sustentou para as bases lançar da Cidade e ao Lácio os deuses trazer — o começo da gente latina, dos pais albanos primeiros e os muros de Roma altanados.
[...]

Autor: Virgílio (70-19 a.C.)
Versos: cerca de 9 mil
Origem: Roma Antiga

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Brasília: Edunb; São Paulo: A montanha, 1981.

Essas obras pertencem a um dos gêneros literários de maior prestígio na Antiguidade clássica: a **epopeia**. Como já vimos, as epopeias fazem parte do gênero épico, no qual as ações de um herói são contadas a uma plateia. Com base nos exemplos que leu, copie no caderno as afirmações que poderiam caracterizar essa modalidade de poema.

ATENÇÃO: NÃO ESCREVA NO LIVRO. FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO.

Aquivos: o mesmo que Aqueus, um dos quatro grupos de que eram formados os antigos gregos.
Atreu: na mitologia grega, Atreu foi rei de Micenas e pai de Agamémnon e Menelau.
Hades: na mitologia grega, Hades é o deus do mundo subterrâneo; nesse caso, trata-se de uma referência ao próprio mundo inferior para onde vão aqueles que morreram.
Pelida: filho de Peleu, o rei dos mirmídonas.

albano: o natural ou habitante da Alba Longa (Itália).
altanado: erguido, elevado, altivo.
Juno: nome romano da deusa grega Hera, esposa de Zeus (Júpiter para os romanos).
Lácio: região da Itália central de grande importância histórica e cultural por ter sido berço da língua latina e do Império Romano.
Lavinio: cidade lendária que teria sido edificada por Eneas em honra de Lavinia, sua nova esposa, aproximadamente em 1200 a.C. (Idade do Bronze).
plaga: região, terra, país.

Fonte: Campos; Cardoso e Andrade (2013, p. 155).

Figura 5 – Continuação de Epopéias clássicas - Atividade

2. Prof., é importante salientar para os alunos que a comparação entre as pinturas pode ser feita apenas pelos aspectos visuais mais imediatos. Porém, o conhecimento do contexto de cada artista e de sua época ajuda a compreender melhor as opções de representação, as técnicas empregadas e os possíveis valores e intenções que fazem parte da construção de cada obra. Se achar interessante, peça aos alunos que façam uma pesquisa sobre Cimabue e Leonardo da Vinci para complementar suas respostas.

2. d) Há diferença: no painel de Cimabue, a maioria das personagens olha para a frente e a posição em que estão é bastante rígida, com pouca naturalidade. No segundo painel as três personagens troçam olhares entre si, aparentando maior intimidade; o posicionamento é mais natural e parece haver maior proximidade afetiva. Podemos perceber também que na obra de Cimabue a Virgem é bem maior que as outras personagens, tem destaque em relação a aqueles que a cercam. Já na obra de Leonardo da Vinci há maior equilíbrio entre as figuras.

Prof., comente com os alunos que na pintura de Cimabue a postura mais rígida das figuras serve para caracterizá-los como seres sagrados, imponentes, distantes do mundo carnal e cotidiano. Por outro lado, a postura mais solta e intimista das personagens pintadas por Leonardo da Vinci consegue torná-las mais humanas, terrenas, próximas de quem observa o painel. Além disso, o lugar em que se encontra a Virgem representada por Da Vinci é mais terreno, ao passo que a Virgem de Cimabue está acompanhada pelos santos num espaço que remete ao celestial.

A virgem em majestade (Maestà). 1280-1290. Giovanni Cimabue. Têmpera sobre painel. Galeria dos ofícios, Florença, Itália.

2. Prof., Cimabue (c. 1240-1302) foi um pintor florentino que, apesar de seguir algumas convenções da tradição bizantina, destacou-se por inserir maior realismo às imagens que criou.

A desproporção no tamanho das figuras neste painel mostra a ligação com a arte bizantina, que tinha por objetivo simbolizar a hierarquia na representação das personagens, sem a preocupação com o efeito de profundidade. Assim, nessa pintura, a Virgem é a figura de destaque e os profetas, na parte inferior do painel, têm menor importância. Como diferencial, Cimabue trouxe conhecimentos da arquitetura e algumas noções de perspectiva para suas obras, rompendo com a representação totalmente planificada. As inovações que trouxe para a pintura influenciaram o desenvolvimento da arte italiana.

- Epopéia é um poema narrativo. x
- Trata-se de um gênero cuja linguagem é simples, cotidiana.
- Epopéias são narrativas longas. x
- Na epopeia, é possível encontrar trechos em primeira pessoa. x
- Nos poemas épicos, há temas como o culto à honra e à coragem. x
- A linguagem, em relação aos dias de hoje, tende a ser elevada, rebuscada. x
- Os acontecimentos são narrados em parágrafos longos, característica marcante da prosa epopeica.
- O assunto tratado na epopeia é banal, o que justifica a opção por versos.
- A mitologia está presente na epopeia e representa a intervenção divina no mundo. x

2. Observe estas pinturas em painel feitas em épocas diferentes.



A virgem e o menino com santa Ana. c. 1508. Leonardo da Vinci. Óleo sobre painel, 168 cm x 112 cm. Museu do Louvre, Paris, França.

Escreva no caderno se existem e quais são as possíveis semelhanças e diferenças entre as duas obras em relação aos seguintes aspectos:

- Tema da obra.
- Como se vestem as figuras representadas.
- Representação da criança.
- Interação entre as figuras representadas.

Prof., as respostas a seguir são sugestões.

2. a) Há semelhança: as duas obras trazem como tema a religiosidade católica com a representação da Virgem Maria e do menino Jesus.

2. b) Há semelhanças e diferenças: a Virgem, nas duas obras, veste-se com tecidos nas cores azul e vermelho. Porém, o tecido cobre muito mais o seu corpo na pintura de Cimabue. Na primeira pintura, estão todos vestidos, e na pintura de Da Vinci o menino Jesus está nu.

A literatura renascentista

Em alguma medida, tanto os artistas da Antiguidade como os do Renascimento formam parte do legado recebido por Luís Vaz de Camões, em Portugal, para escrever *Os Lusíadas*, obra literária que se destacou no Classicismo português.

No fragmento a seguir, a estudiosa reflete sobre esse legado. Leia o trecho para, em seguida, conhecer e analisar o início do Canto I de *Os Lusíadas*.

2. d) Há diferença: Além de não vestir roupas, na segunda pintura o menino está no chão, brincando com um carneirinho, enquanto é segurado pela mãe. Na primeira pintura, o menino vestido com tecidos nas cores vermelho e marrom está sentado no colo da Virgem.

Figura 6 – Trecho *Os Lusíadas*

COMPARANDO TEXTOS

Prof., com estas atividades procuramos conscientizar os alunos de que a compreensão de um texto pode estar vinculada ao reconhecimento de textos com os quais ele se relaciona (intertextualidade) e à identificação do campo semântico predominante.

Um dos episódios mais conhecidos de *Os Lusíadas* é o do gigante Adamastor, ser monstruoso que simboliza o cabo da Boa Esperança e os perigos do mar. Esse episódio foi recriado por outro poeta português, Fernando Pessoa, em 1934.

Leia o trecho de epopeia e o poema a seguir e compare-os.

Prof., antes de os alunos responderem às questões, verifique com eles o vocabulário de ambos os textos e peça-lhes que se reúnam em pequenos grupos para tentar colocar as frases na ordem direta. Sem compreender o sentido dos textos, os alunos não conseguirão identificar a relação de intertextualidade.

Os lusíadas

Canto V

Luz Vaz de Camões

Neste trecho do longo poema de Camões, o gigante Adamastor aparece diante dos navegadores portugueses, aterrorizando-os.

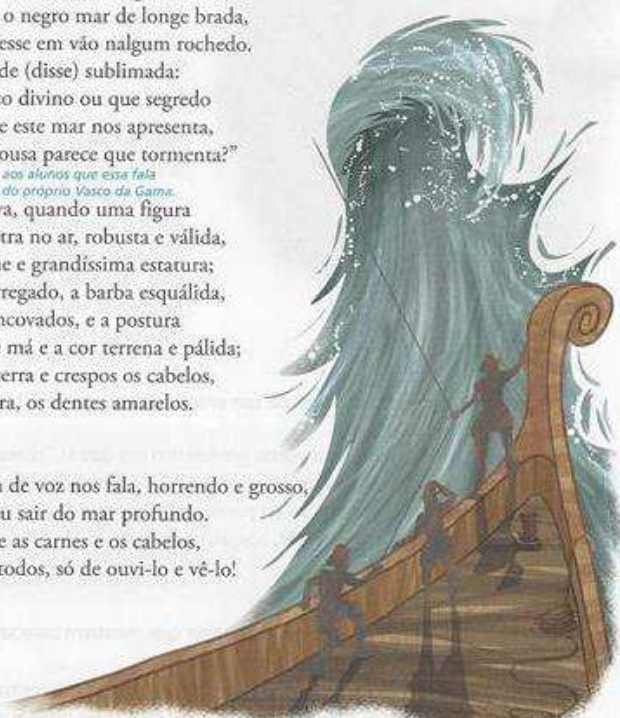
Porém já cinco sóis eram passados
[...]
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
5 Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
10 Como se desse em vão nalgum rochedo.
“Ó Potestade (disse) sublimada:
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?”

Prof., explique aos alunos que essa fala (entre aspas) é do próprio Vasco da Gama.

15 Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
20 Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

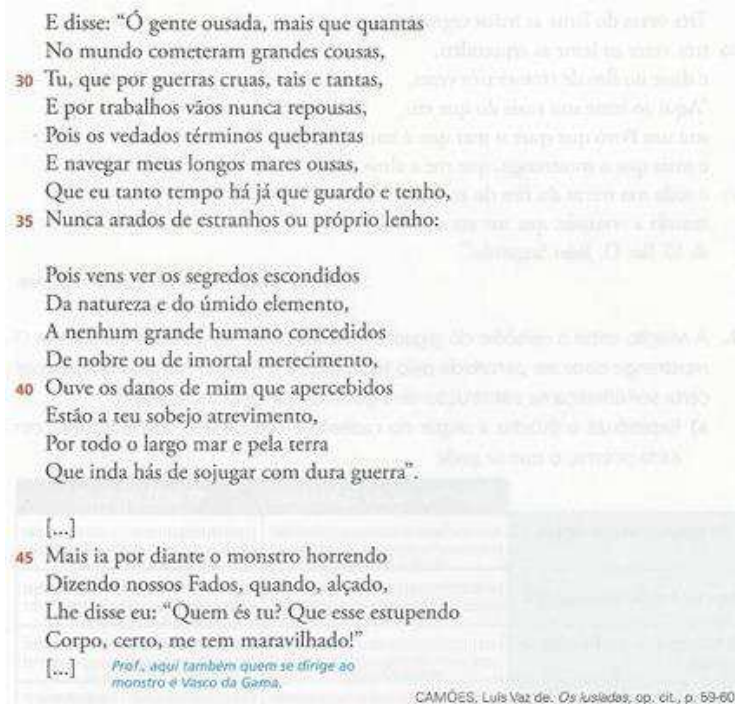
[...]
Co'um tom de voz nos fala, horrendo e grosso,
25 Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e os cabelos,
A mim e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!



Albano de Brito/Quilômetro da leitura

alçado: em voz alta.
apercebido: preparado; causado
arar: navegar.
bradar: dizer em voz alta.
bramir: produzir grande ruído; estar revoltado (o mar).
cometer: expor-se a riscos; aventurar-se.
dano: prejuízo; estrago.
descuidado: tranquilo; desatento.
esqualido: sujo; desalinhado.
estupendo: monstruoso; descomunal.
fado: destino.
lenho: embarcação.
maravilhar: causar assombro.
mor: maior.
potestade sublimada: divindade; deus.
proa: a parte dianteira de uma embarcação.
quebrantar: passar adiante, ir além.
sobejo: imenso.
sojugar: subjugar; dominar.
sol: dia.
temeroso: assustador; terrível.
terreno: cor de terra.
tormenta: tempestade.
úmido elemento: o mar.
válido: vigoroso; que tem força.
vedados términos: fronteiras além das quais não se pode passar.

Fonte: Campos; Cardoso e Andrade (2013, p. 172).

Figura 7 – Continuação do Trecho *Os Lusíadas*

Fonte: Campos; Cardoso e Andrade (2013, p. 173).

Figura 8 – Poema *O mostrengo*

O mostrengo
 Fernando Pessoa

Neste poema, Fernando Pessoa (1888-1935), poeta português modernista, retoma o mito do gigante Adamastor, que aqui é o mostrengo.

O mostrengo que está no fim do mar
 na noite de breu ergueu-se a voar;
 à roda da nau voou três vezes
 voou três vezes a chiar

5 e disse: "Quem é que ousou entrar
 nas minhas cavernas que não desvendo,
 meus tetos negros do fim do mundo?"
 E o homem do leme disse, temendo,
 "El-Rei D. João Segundo!"

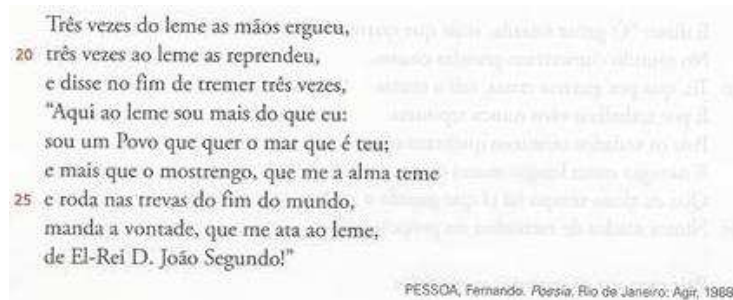
10 "De quem são as velas onde me roço?
 De quem as quilhas que vejo e ouço?"
 Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
 três vezes rodou imundo e grosso,
 "Quem vem poder o que só eu posso,

15 Que moro onde nunca ninguém me visse
 E escorro os medos do mar sem fundo?"
 E o homem do leme tremeu, e disse,
 "El-Rei D. João Segundo!"

atar: prender.
breu: escurecido, trevas.
chiar: emitir sons agudos.
desvendar: revelar, dar a conhecer.
D. João Segundo (1455-1495): rei de Portugal que incentivou as navegações e a busca de um caminho marítimo para as Índias.
leme: peça de uma embarcação que serve para lhe dar direção.
mostrengo: monstro.
quilha: peça da parte inferior da estrutura de uma embarcação, que vai da proa à popa.
reprender: prender de novo.
teto negro: segredos, mistérios.
vela: peça de lona ou brim que, recebendo o sopro do vento, impole a embarcação.

Fonte: Campos; Cardoso e Andrade (2013, p. 173).

Figura 9 – Continuação do Poema *O mostrengo*



Fonte: Campos; Cardoso e Andrade (2013, p. 174).

No que diz respeito às orientações para o professor, o livro traz algumas orientações complementares além das que foram colocadas ao longo dos textos, quadros de interdisciplinaridade, indicações de leitura, atividades complementares o que de fato, contribui muito para o professor no momento em que for planejar suas aulas, já que também trabalha com sugestões didáticas, propostas de entrada para a leitura dos textos, sugestões de correções para as atividades e textos que motivam os professores a trabalharem com a leitura, produção de escrita, análise linguística bem como também mídias digitais, dando acesso ao professor a ter o material também pelo computador.

4.4 ESTUDO DA EPOPEIA NO LIVRO DIDÁTICO: ORIENTAÇÕES SUGERIDAS PELO MANUAL DO PROFESSOR – PONTOS FRACOS E DICAS

Entendemos que a educação literária não é vista apenas em sala de aula, atualmente uma parcela da população se interessa também fora dela. É algo que deve começar cedo, por isso o estudo da epopeia começa já no primeiro ano do ensino médio, por ser agraciado com leitores jovens que querem aprender mais, que estão começando a conhecer esse mundo da literatura com textos que vão pedir mais do que sempre deram no ensino fundamental. Contudo, para benefício de muitos, pode ser lido em casa e com a família, e se estende por toda a vida.

É na vida escolar, acreditamos que se aprende não apenas a ler e reler, é muito mais que aprender a decifrar palavras, conhecer lugares antigos, interpretar textos, trechos ou fragmentos da poesia clássica, é se sentir tocado com o que vê no

livro mas ao mesmo tempo, se sentir convidado a conhecer de perto a LC como ela realmente é e com o que ela pode contribuir para a formação escolar desses jovens.

No livro *Viva Português*, do primeiro ano do ensino médio com o estudo sobre o Classicismo e a poesia clássica, as autoras trazem para os alunos um pequeno exercício, para só depois, trazerem uma breve contextualização sobre essa escola literária. Como pode ser visto na Figura 4. O que de fato, apresenta problemas nessa proposta, levando em consideração que, como já foi dito anteriormente os alunos desse ano, agora é que estão começando a ter um contato mais próximo com a literatura, sem uma contextualização do Classicismo com maiores detalhes, nem sempre vão conseguir compreender, primeiro o que é uma epopeia? O que foi a escola do Classicismo? Quais as principais epopeias clássicas? E claro conhecer um pouco sobre cada uma delas. Sobre isso podemos encontrar nas Orientações Curriculares do Ensino Médio (OCNEM) que ao discutir o respeito e a liberdade de interpretação que essas obras dispõem, destacam:

As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito (BRASIL, 2003, p. 12).

O que alerta para compreendermos que a leitura desses textos literários nos instiga a buscar por interpretações e perceber o que se pode ter nas entrelinhas do discurso presente neles, além de perceber a importância que ao ser contextualizado de maneira ampla, podemos compreender melhor e torna-se mais fácil essas interpretações que tendem a provocar nos leitores também sensações, estímulos, curiosidades, bem como também experiência para quando chegarem aos anos seguintes, possam ser capazes de compreender textos mais amplos que exigem do aluno mais dedicação e conhecimento adquirido

Ainda sobre o exercício, só apresenta duas epopeias clássicas, a *Illiada* e *Eneida*, deixando uma lacuna por não apresentar a *Odisseia*, já que também é atribuída a Homero, e todas serviram de modelo para Camões escrever a epopeia portuguesa. Quando só temos direito de conhecer metade do que nos pode nos beneficiar, perdemos a oportunidade de adquirir mais conhecimentos.

Em relação às orientações sugeridas, o pequeno texto explicando o que foi o Classicismo (Figura 4) não dá para sanar as curiosidades que os alunos geralmente têm sobre o assunto e nem mesmo as do próprio professor. Podemos ver na Figura 5 que isso se aplica, quando o texto que contém no final da Figura 4, não é suficiente para que os alunos respondam às questões referentes ao exercício e nem mesmo há orientações a respeito de algum texto que pudesse ajudar-lhes nas respostas. As únicas indicações são em relação à questão dois, relacionadas à observação de pinturas sobre épocas diferentes.

Não há também nenhuma orientação que possa sugerir pesquisas ou até mesmo alguns sites confiáveis que possam dar mais segurança ao educador na hora de trabalhar com esta escola literária. As orientações complementares no MP (Figura 10) apenas são relacionadas aos sonetos de Camões e como podem ser trabalhadas em sala, esquecendo, portanto, de trabalhar de fato com a poesia épica.

O conteúdo em geral é mostrado de maneira muito limitada, assim como os poemas apresentados. Seria muito positivo se investissem mais no conteúdo e em questões que instigassem os alunos a refletirem sobre a importância do seu uso nos dias atuais. O estudo sobre esse poema ainda que extensos merece de nós, que somos leitores ativos, respeito, pois é a partir do nosso olhar crítico, quanto mais falamos ou discorremos sobre eles é que os tornam sempre mais vivos em nossa memória. Ramalho (2014, p. 13), ao se referir à epopeia como uma produção épica, destaca que a mesma:

[...] pode ser compreendida a partir dos Estudos Culturais como relevante registro para uma leitura revisionista do modo como as heranças culturais de regiões e nações do mundo se fizeram perpetuar através de poemas longos, em que história e mito estão presentes como sentidos imanentes à espera de novas reflexões críticas sobre a matéria épica que veiculam.

Pensando nisso, o trabalho com o gênero implica dizer que tornaria mais convidativo quando é possível a presença maior desse gênero nos LDs, no caso aqui analisado, seria crucial trazer outros fragmentos para que os alunos compreendessem melhor sobre o que cada um fala, além de ser mais construtivo, uma vez que instiga a capacidade do aluno de se interessar mais por esses poemas, de garantir que eles possam compartilhar as impressões que tiveram durante a

leitura, os comentários acerca do que entenderam, entre outros elementos que a poesia épica pode despertar no leitor.

Em relação às orientações, poderia repensar se a melhor forma dos alunos conhecerem esses fragmentos fosse a partir de um exercício! Nesse quesito, compreendemos que se colocassem mais páginas que dedicassem também a explorar não só as principais características das epopeias, mas também que permitissem ao leitor discutir sobre o conteúdo de cada uma delas levando em consideração o motivo pelo qual foram escritas, tornaria muito mais completa a unidade e o educador alcançaria com mais êxito o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, como também nos conhecimentos adquiridos.

Figura 10 – Orientações do MP

UNIDADE 3 — UMA FORMA PARA A ARTE

Capítulo de Língua e produção de texto — O soneto

Texto 1

Atividades (página 136)

Comentário que antecede a interpretação do texto: Como o poema não é de difícil compreensão, optamos por pedir ao aluno que identifique a ideia principal (importante atividade de leitura global de um texto) para, a partir daí, encaminhar a busca de dados da forma e do conteúdo que integram a construção do poema e confirmam item a item a ideia identificada. Trata-se de uma fundamental estratégia de leitura de poemas, em que se procura reconhecer a principal informação e depois buscar dados que a confirmem.

Texto 2

(página 140)

Comentário: Oriente a leitura expressiva do poema. Peça a alguns alunos a preparação da leitura em voz alta. Por exemplo, as duas primeiras estrofes podem ser lidas de forma mais fluida, evitando-se pausas nas pontuações, dando uma leve entonação de felicidade. O aluno poderá interpretar esse trecho como se fosse uma pessoa mais madura, recordando um momento de grande tranquilidade e de alegria. As duas últimas estrofes podem ser lidas de modo mais lento, respeitando mais intensamente a pontuação e fazendo pausas mais longas, com a voz mais entristecida. Pode ainda ser feita uma pausa maior entre o penúltimo e o último verso e nova pausa depois da palavra **embora** no último verso.

UNIDADE 5 — PROFUSÃO DE IMAGENS E SIGNIFICADOS

Capítulo de Língua e produção de textos — O poema

Produção de textos

(página 240)

Comentários sobre a foto: Essa imagem pode ser considerada poética porque apresenta o inusitado dentro daquilo que nos é mais familiar: o cenário é uma

rua estreita, provavelmente de uma cidade pequena, em que uma moça (aparentemente uma turista) parece pedir informação a alguém. Esse alguém, entretanto, está sobre pernas de pau e com o rosto pintado. Dessa forma, esse moço equilibrado no alto de pedaços de pau, fora de seu contexto (circo, baile ou desfile de Carnaval, manifestação de artistas de rua, etc.), quebra por um momento nossa certeza sobre a ordem das coisas no mundo. Acresce que a imagem é visualmente equilibrada — paralelos, os edifícios atrás das duas pessoas funcionam como moldura para essa figura central, que fica destacada.

UNIDADE 6 — CIÊNCIA E EMOÇÃO

Capítulo de Língua e produção de texto — Texto jornalístico de divulgação científica

Interpretação do texto

Atividade 5 (página 272)

a) Comentário: Verifique se o aluno usou as próprias palavras e se foi fiel ao trecho.

b) Apresentar uma informação nova, a principal informação do artigo jornalístico de divulgação científica, que não era o resultado de uma pesquisa realizada por ele, Marcelo Gleiser, mas por outros cientistas.

Comentário: Destaque, neste caso, que ele faz o papel de jornalista, uma vez que organiza um texto para divulgação de uma descoberta científica que não é de sua autoria.

c) “[...] e o retorno do herói Odisseu (Ulisses para os romanos) para sua adorada (e extremamente paciente) Penélope, que esperou por dez anos.”; “[...] para um eclipse total, às estrelas usadas por Odisseu para se orientar no retorno à casa e à aparição de Vênus na madrugada logo antes da chegada em Ítaca.”; “[...] quando mata aqueles que cobiçavam a mão (e o corpo) de sua Penélope.”; “O Sol sumiu do céu e uma escuridão funesta cobriu tudo!”

Comentário: Informe aos alunos que o trecho “O Sol sumiu do céu e uma escuridão funesta cobriu tudo!” é a transcrição literal de um dos versos da *Odisseia*.

Se achar conveniente, comente com os alunos que um texto pode ser claramente citado em outro texto com diferentes finalidades. Uma delas pode ser a apresentação de informações, ideias, histórias, resultados de pesquisas, etc. A fim de ser fiel à exposição dessa infor-

Fonte: Campos; Cardoso e Andrade (2013, 369).

Durante toda a unidade no livro não se trabalha mais com as epopeias, a não ser em um exercício de comparação entre o poema *O mostrengo* de Fernando Pessoa e um trecho de *Os Lusíadas*, já mostrados na seção: 4.3. Esse exercício trabalha com a intertextualidade, no entanto, não apresenta uma orientação que incentive o professor a trabalhar antes sobre quem é Fernando Pessoa, já que o mesmo não pertence à escola que estão estudando no momento, sendo pertencente

ao Modernismo que possui outros tipos de características. Para isso seria também imprescindível colocar qual a relação que pode existir para que ele fizesse um poema relacionado ao canto V da epopeia de Camões.

Seria necessário trabalhar, portanto, com a dinâmica da intertextualidade entre os dois poemas. Essa dinâmica seria uma espécie de incentivo para que os alunos entendessem que as intertextualidades não são vistas apenas em poemas, textos, mensagens, são presentes também na música. Talvez, propor que eles pesquisassem se existe alguma música que contém partes ou que dialoga com as epopeias. Seria possível perceber a dinamicidade sendo trabalhada com outros gêneros, valorizando também a oralidade e escrita em uma mesma pesquisa.

Vale ressaltar que os alunos não conhecem Fernando Pessoa, a não ser quem gosta muito de livros literários e possa ter tido algum contato ou visto as diversas frases que circulam nas redes sociais, porém, geralmente não são todos que conhecem. Esse autor, conhecemos mais no terceiro ano do ensino médio, quando estiverem estudando o Modernismo. Verificamos isso a partir da Figura 11 a seguir. O que torna um exercício voltado apenas para a questão linguística e comparativa, não contemplando assim a poética desse gênero.

Figura 11 – Estrutura geral da coleção

	Volume 1 – 1º ano	Volume 2 – 2º ano	Volume 3 – 3º ano
UNIDADE DE ABERTURA	Unidade de Abertura – Linguagem e língua – Literatura: arte com palavras		
UNIDADE 1	Trovas e trovadores – Cordel – Variedades linguísticas – Trovadorismo	A vida que se recria – Romance – Transitividade verbal e colocação pronominal – Romantismo – prosa	Um olhar crítico – Resenha crítica – Orações subordinadas adjetivas – Vanguardas europeias – Modernismo em Portugal – 1º momento
UNIDADE 2	A humanidade em cena – Texto dramático – A frase – Linguagem oral versus linguagem escrita – Humanismo	Do amor, do nacionalismo e da denúncia – Letra de música – Figuras de sintaxe: paralelismo, comparação, anáfora, hiponímia e hiperonímia – Romantismo – poesia	Tecendo conversas – Entrevista – Orações subordinadas adverbiais – Modernismo no Brasil – 1ª geração – poesia e prosa – 2ª geração – poesia
UNIDADE 3	Uma forma para a arte – Soneto – Figuras de sintaxe: anáfora, anacoluto e hipérbato – Classicismo	Histórias que se contam – Conto – Tipos de predicado: predicado verbal e verbo-nominal – Funções sintáticas do adjetivo – Realismo e Naturalismo	Outra voz: a voz do outro – Carta aberta – Manifesto – O papel das conjunções na construção do texto – Prosa modernista – geração de 1930
UNIDADE 4	Histórias de quem viaja – Relato de viagem – Tipos de sujeito – Usos do sujeito na construção da coesão e clivagem – Primeiras manifestações literárias no Brasil	A arte da forma – Haicai e martelo – Formas nominais do verbo – Parnasianismo	Do cotidiano ao extraordinário – Crônica – Parágrafo – Geração de 1945 – poesia e prosa
UNIDADE 5	Profusão de imagens e significados – Poema – Figuras de linguagem: metáfora, hipérbole e antítese – Barroco	O mundo em símbolos – Anúncio publicitário – Vozes verbais – Simbolismo	Pontos de vista – Artigo de opinião – Concordância verbal e nominal – Literatura brasileira contemporânea – poesia
UNIDADE 6	Ciência e emoção – O artigo jornalístico de divulgação científica – Complementos verbais – Arcadismo	Investigar e documentar um tema – Reportagem – Período composto por subordinação – Orações subordinadas substantivas – Pré-Modernismo	Temas e cenas – Dissertação – Coesão por referência – Progressão – Literatura brasileira contemporânea – prosa
PROJETO ANUAL	Antologia	Festival de cultura e informação	Revista

Fonte: Campos; Cardoso e Andrade (2013, p. 348).

Ainda sobre as atividades complementares do MP, podemos notar que as sugestões não trabalham nada relacionado ao gênero epopeia, apenas com o gênero soneto (Figura 10). O que vai tornando muito restrito, superficial e pequeno o trabalho com a poesia épica. Não permitindo assim que os alunos conheçam outras atividades que poderiam fazer a diferença e ajudar ainda mais no trabalho e reflexão acerca desses poemas.

Se tivermos interesse em não temer as dificuldades que encontramos a cada novo assunto com que deparamos para levar para a sala de aula, não ficaremos apenas em nossa zona de conforto e repetiremos aquilo que vem exposto nos LDs, vamos em busca de somar aquilo que já temos o LD com outras ferramentas que podem abrir um leque de oportunidades e olhares voltados para maior satisfação e sucesso nas aulas de LP. Para isso, é importante que tenhamos algo que nos direcione ou até mesmo contribua de maneira pertinente para alcançar esse objetivo.

Pensando nisso, a seguir veremos a partir de uma sequência didática, uma proposta para trabalhar o gênero epopeia baseado nas lacunas que encontramos na seção 4.4, porque acreditamos que não se pode continuar pensando que o Classicismo é uma escola literária difícil; o professor pode ser motivado também de várias maneiras, antes e até mesmo na hora de ensinar. Estamos diante de um mundo clássico que tem tudo para nos encantar, só precisamos das ferramentas certas para ganhar a atenção dos nossos alunos no momento que estivermos trabalhando com esse gênero.

4.5 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Sabemos a importância que se tem ao trabalhar com gêneros na sala de aula nos dias atuais. Não é a toa que as propostas pedagógicas têm influenciado o trabalho com os gêneros. Neste sentido, podemos perceber também que o trabalho realizado em sala através de sequências didáticas, tem possibilitado aulas mais participativas, comunicativas, dinâmicas e efetuadas com sucesso.

Para tanto, Dolz, Noverraz e Schneuwly definem essas sequências como “um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97), o que valoriza não só o trabalho na escola com gêneros da modalidade escrita como também da modalidade oral, tendo por finalidade trabalhar não apenas gêneros que os alunos conhecem e têm familiaridade, mas também gêneros que parcialmente conhecem ou não.

Nossa pretensão é trabalhar com o gênero epopeia, baseando-nos nas orientações desses autores, porém, é importante ressaltar que esta sequência não

segue à risca o que os autores sugerem. No entanto, a partir da leitura e reflexão de fragmentos de “*Os Lusíadas*”, entendemos que é preciso trabalhar com mais foco pela modalidade oral.

Área: Literatura

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1º ano do ensino médio

Caro professor,

É com uma imensa alegria que disponibilizamos para você essa proposta didática que tem como uma das metas essenciais, valorizar o trabalho do gênero epopeia na sala de aula. Entendemos que nem sempre é fácil buscar ferramentas que nos ajudem e auxiliem nessa hora. Contudo, esperamos que as nossas ferramentas especiais possam ajudar-lhes e trazer para o rosto dos mesmos o sorriso de quem sabe que o amor pela Literatura e o desejo de ensinar com qualidade encontra-se dentro de cada um de nós.

Faça um ótimo uso dessa sequência!

Boa sorte!

1. INTRODUÇÃO

As atividades presentes nesta Sequência Didática são apenas sugestões. Cada professor pode adaptá-las conforme a realidade de sua escola e de sua turma. É importante que compreendam que a nossa intenção é contribuir com o conhecimento do leitor e principalmente com o seu crescimento intelectual.

Salientamos que as atividades envolvem leitura, pesquisa, intertextualidade, aspectos reflexivos, pois nossa meta também é despertar no professor o desejo de não deixar que o gênero épico seja conhecido na sala de aula apenas como mais um gênero trabalhado com leituras superficiais.

Nós temos a capacidade de fazer a diferença e de mostrar que o estudo do mesmo no primeiro ano do ensino médio pode enriquecer ainda mais para o conhecimento cognitivo de cada um. Entenderemos melhor como se procedem essas informações no passo a passo a seguir.

2. CONTEÚDO

Gênero epopeia

3. OBJETIVOS

- ✓ Conhecer o gênero épico e a escola literária Classicismo;
- ✓ Identificar características da epopeia;
- ✓ Conhecer Luís Vaz de Camões e seu poema *Os Lusíadas*;
- ✓ Ampliar a capacidade dos alunos de trabalhar com a epopeia *Os Lusíadas* em grupos;
- ✓ Reconhecer textos épicos escritos por autores brasileiros;
- ✓ Entender a importância que esses poemas têm mesmo nos dias atuais.

4. DESENVOLVIMENTO

APRESENTAÇÃO DE UMA SITUAÇÃO E SELEÇÃO DO GÊNERO LITERÁRIO

Professor, antes de iniciar a aula sobre o gênero épico apresente um motivo pelo qual sentiu necessidade de trabalhar esse gênero em sala de aula. Por exemplo, diga aos seus alunos que ao pesquisar no LD e verificar quais as propostas foram elaboradas para trabalhar o gênero, achou necessário trabalhar a partir de uma sequência para obter maiores resultados, tendo em vista que o estudo sobre a epopeia geralmente vem muito superficial, não possibilitando assim um estudo mais amplo sobre a mesma.

Pode ser que seja também uma vontade sua ao querer incentivar a leitura e reflexão sobre os poemas clássicos. Porém, é importante que antes de iniciar essa leitura e reflexão e até mesmo trabalhar com a epopeia, proponha um trabalho sobre

o gênero aqui já mencionado. Você pode solicitar pesquisas no LD que eles já tenham e também outras pesquisas pela internet.

RECONHECIMENTO DO GÊNERO LITERÁRIO

Professor, antes de propor uma conversa sobre o que os alunos encontraram sobre o gênero epopeia comece apresentando-lhes a escola literária Classicismo. É imprescindível que eles conheçam o máximo de informações sobre a temática, porque ela é fundamentalmente importante para compreender as características do gênero epopeia. Pode trabalhar a partir de slides ou até mesmo alguns textos xerocados para que todos tenham acesso ao conteúdo.

Você pode utilizar-se do LD, mas também como sugestão nossa, pode procurar autores que falam sobre a poesia épica (ao final deste trabalho deixaremos algumas referências que possam ajudá-lo nessa pesquisa).

Ao terminar a exibição e discussão, através de uma roda de conversa incentive os alunos a conversarem a respeito sobre o que encontraram em suas pesquisas. Você pode também falar sobre o gênero, levar exemplos de epopeias clássicas como a *Ilíada* e *Odisseia* (epopeias de Homero, fundador da poesia épica na Grécia Antiga), *Eneida* (epopeia escrita pelo poeta latino Virgílio), bem como *Os Lusíadas* (epopeia do poeta português Luís Vaz de Camões), salientando que esta última retoma o modelo greco-romano do gênero épico.

TRABALHANDO COM A EPOPEIA OS *LUSÍADAS* DO POETA PORTUGUÊS CAMÕES

Professor, nesse momento, você pode trabalhar o poema dividindo a turma em grupos. Cada grupo pode trabalhar com um canto, ainda que cada canto possa ser considerado extenso. Peça-os que trabalhem com o máximo de fragmentos que puderem. A intenção é que a epopeia possa ser bem vista, lida, compreendida e refletida por todos.

É preciso também ressaltar que o aluno tenha seguras informações sobre o canto precedente, caso contrário a leitura do canto que lhe cabe pode ficar comprometida. Não se esqueça que os cantos encadeiam-se, formando uma unidade maior de caráter narrativo.

Você pode ressaltar algumas informações dessa epopeia, por exemplo, que *Os Lusíadas* é composto por dez cantos, 1.102 estrofes e 8.816 versos decassílabos heroicos e sáficos, narra os feitos marítimos e guerreiros dos portugueses e pode ser considerada como uma obra excepcional da nossa língua, pois exalta a linguagem da época bem como contempla as proezas dos navegadores portugueses e seus feitos, representado também na figura de VG. Além de explicar que o mesmo serviu como fonte de inspiração para outros poetas e prosadores da nossa LP, tornando possível encontrar no poema o processo de intertextualidade (um texto que pode estar relacionado a outro texto ou até mesmo uma coleção de textos).

Você pode trabalhar com um questionário com perguntas sobre a epopeia *Os Lusíadas* e a experiência dos alunos ao explorar esse poema. A fim de ajudar nas discussões e apresentação no final do trabalho. Sugerimos a seguir algumas questões e uma dica especial de como pode trabalhar com eles essa epopeia.

- a) De que fala o canto/fragmento(s)?
- b) Você já ouviu falar no autor que escreveu?
- c) Qual o nível de dificuldade que você teve para entender o canto/fragmento(s)?
- d) O canto/fragmento(s) escolhido apresenta qual tipo de metrifcação nos versos?
- e) Trocou ideias com seus outros colegas, família ou até mesmo amigos que já tenham estudado sobre esse poema com o intuito de entender o que o canto/fragmento(s) retratava?
- f) Sabemos que a linguagem do poema em geral requer o uso de palavras rebuscadas da época em que foi publicada (1572). Em que momento você utilizou o dicionário para entender o significado das palavras? Exemplifique pelo menos umas quatro, citando a palavra e o significado.
- g) No canto/fragmento(s) existe a intervenção: proteção ou desproteção por seres mitológicos? Quem são esses seres? Faça uma breve pesquisa sobre os mesmos.

- h) Seria possível trabalhar a intertextualidade com esse canto/fragmento(s)? Se a resposta for sim, mostre como seria esse trabalho.
- i) Ao final do trabalho desenvolvido em equipe, responda: Como foi a experiência ao trabalhar com o canto/fragmento(s)?
- j) Peça que os alunos escrevam versos do canto/fragmento(s) que cada um ficou responsável ou digitem e entreguem aos seus colegas como uma lembrança desse trabalho de pesquisa e dedicação.

OBSERVAÇÃO

Professor, esse é um trabalho que requer mais tempo para os alunos realizarem a pesquisa e a leitura dos cantos/fragmentos. É importante que trabalhe em sala a leitura e vá dando dicas, usando sínteses que possam esclarecer um pouco sobre o que fala cada canto e o que representa o poema completo. Também é importante que eles pesquisem no LD que possuem, pois este também servirá como primeiro apoio para encontrar as respostas, bem como os slides que você utilizou nas aulas sobre o assunto.

Uma dica muito importante seria trabalhar com eles a partir de vídeos, as mídias digitais são excelentes ferramentas também de apoio para tornar as aulas mais dinâmicas e de entretenimento.

O *youtube* disponibiliza muitos vídeos que podem ajudar a não tornar a aula cansativa. No final dessa sequência você terá dois links que podem lhe ajudar muito. Logo, os educandos poderão pesquisar na biblioteca da escola, pelo celular ou qualquer outro instrumento que possibilite acesso.

AVALIAÇÃO - APRESENTAÇÃO DO TRABALHO QUE OS ALUNOS FIZERAM

Professor, este é um momento muito importante e especial, pois significa que valeu a pena trabalhar de outra forma esse gênero, não deixando de lado o LD que

você tem como instrumento para auxiliá-lo nas aulas, como também pôde utilizar de outros mecanismos que chamam muito atenção dos nossos alunos atualmente.

Como sugestão, você pode pedir que cada grupo se apresente, pode ser através de slides ou da maneira que eles acharem melhor. A avaliação consiste tanto na apresentação oral das respostas do questionário como também a participação de todos nas aulas que antecederam até o dia da apresentação.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS

Sites:

Disponível em: http://www.citi.pt/ciberforma/ana_paulos/ficheiros/lusiadas.pdf

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000178.pdf>

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/4877/2792>

Disponível em: <http://vemlercamoes.blogspot.com/2012/04/intertextualidade-em-os-lusiadas-1572.html>

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O7vkxjWRrNw>

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WMkp3j7Mqxw&feature=related>

MOISÉS, Massaud. Classicismo. A Literatura Portuguesa. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

SOARES, Angélica. Gêneros Literários. 7. ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A epopeia é, na realidade, um gênero que mais tarde será substituído pelo romance. A poesia épica era escrita em versos, caracterizando-se como um longo poema narrativo. O poema épico não pode ser comum; ele exprime grandiosidade e cada cena que se lê refletimos sobre o que de fato vem nas entrelinhas, seja aspectos de bravura e coragem, ou até mesmo a simplicidade em como foram realizadas as ações dos personagens.

O Classicismo como movimento clássico e literário para enaltecer os modelos antigos, constituindo assim a estética Renascença, cultivando desta maneira a poesia épica, a historiografia e até mesmo a literatura de viagens.

Os Lusíadas, de fato, ganham uma importância universal, por ser capaz de mostrar o ser humano como ele realmente é, um ser curioso que almeja novas realizações a fim de superar, embora que aparentemente, a sua dependência e insignificância. A epopeia é um misto de realismo e idealização do homem, da nação, dos valores, etc. O poeta Luís Vaz de Camões, ao expressar seus pensamentos tidos não só apenas como históricos, mas também universais dotados de maneira poética nessa obra é, sem dúvida, reconhecido como um dos mais ilustres poetas da Língua Portuguesa.

Jamais será demais ressaltar que *Os Lusíadas* são uma obra de grande complexidade e de uma profunda dimensão cultural, que reflete um entrelaçar de vários mundos, que é preciso compreender e decifrar.

Sobre os resultados e discussões do presente trabalho, entendemos que o LD continua sendo e sempre será um grande apoio para o professor na sala de aula, tendo em vista que o mesmo não é apenas uma ferramenta que auxilia para dar aulas, mas um instrumento de crescimento, já que o mesmo exprime os mais variados saberes do conhecimento humano.

Cabe dizer que a pesquisa resolveu o problema inicialmente proposto, uma vez que os objetivos gerais e específicos foram alcançados, pois descobrimos como é dado o tratamento pelo LD ao gênero epopeia, e além da análise discorreremos sobre a temática não nos esquecendo de propor ideias que pudessem contribuir ainda mais para um melhor estudo sobre tais temáticas.

Sobre o livro *Viva Português*, aqui analisado no que diz respeito em como o gênero épico é trabalhado, a partir da análise realizada, é notório salientar que o

mesmo apresenta um estudo muito limitado sobre o gênero, não aproveitando assim as histórias que existem nas entrelinhas de cada verso, nem mesmo dando a oportunidade do aluno de conhecer a história de Portugal, país do qual há tempo fomos colônia.

Nossa análise não busca diminuir aquilo que foi exposto no livro do professor ou no próprio manual com as suas orientações complementares, pelo contrário, compreendemos a sua importância como também o que as autoras sugeriram. No entanto, em consonância com elas, sugerimos também algumas orientações construtivas que podem ser vistas com um olhar mais atento na sequência didática que no capítulo quatro expomos.

Neste sentido, esperamos contribuir de maneira significativa, respeitando os valores humanos e as condições que cada escola apresenta para o sucesso e desempenho do gênero epopeia na sala de aula. Nosso objetivo desde o início foi mostrar como se dá o trabalho do gênero já citado nos LDs e baseando-nos em resultados e discussões aqui encontrados, entendemos a importância de trabalhar de forma descontraída, mais dinâmica, com outros tipos de pesquisas e em grupos.

Com base nesta pesquisa, percebemos que o professor não se pode guiar apenas por uma única orientação, existem muitos trabalhos que podem contribuir para uma excelente interação com os alunos na sala de aula, esperamos que este possa ser um desses e que não se acabe aqui o interesse por essa temática, já que as pesquisas sobre a mesma são muito pouco encontradas, mas também possa ser ampliado com outras pesquisas e que redimensionem mais atividades e propostas de intervenções que contribuam de maneira efetiva para o professor de LP.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. Luís Vaz de Camões. In: _____ (Org.). **História Social da Literatura Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985. p. 37-47.

ARISTÓTELES. **Poética**. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. 3 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

BEZERRA, Holien Gonçalves; LUCA, Tânia Regina de. Em busca da Qualidade PNLN – História – 1996 – 2004. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Livros Didáticos de História e Geografia. Avaliação e Pesquisa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 27-53.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2018.

_____. FNDE. **Programas do Livro: Histórico**. Brasília, 2017. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/historico>> Acesso em: 12 nov. 2018.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMPOS, Elizabeth Marques. **Viva Português: Ensino Médio**. In: _____; CARDOSO, Paula Marques; ANDRADE, Silvia Leticia de. (Org.). 2 ed. São Paulo: Ática, 2013.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales (Org.). **Gêneros orais e escritos**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2004. p. 81-107.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. Ensinar não é transferir conhecimento. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009.

JAEGER, Werner. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JONHS-PUTRA, Adeline. The Classical Age: Beginnings. **The History of the Epic**. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6 ed, São Paulo: Atlas, 2007.

MARQUES JÚNIOR, Milton. **Introdução aos Estudos Clássicos**. João Pessoa (Paraíba): Ideia e Zarinha Centro de Cultura, 2008.

MOISÉS, Massaud. Classicismo. In: _____. **A Literatura Portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

_____. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

RAMALHO, Christina. Estratégia para a leitura da poesia épica. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**, Itabaiana- SE, s. n., p. 35-48, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/2581-6995-1-SM.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. Luís de Camões. In: _____. **História da Literatura Portuguesa**. 17. ed. S. l.: Porto Editora, s. d., p. 311-343.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 7. ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2007.

THAMOS, Marcio. Do Hexâmetro ao Decassílabo: Equivalência estilística baseada na materialidade da expressão. **Scientia Traductionis**, Florianópolis, n. 10, p. 206-212, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n10p201/20013>>. Acesso em: 14 set. 2018.